

# ALDIR BLANC



## BRASIL PASSADO A SUJO

A TRAJETÓRIA DE UMA  
PORRADA DE FARSANTES

GERAÇÃO  
  
EDITORIAL

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



## O POETA DAS RUAS DO RIO

São de Aldir Blanc algumas das mais belas letras do cancionero popular brasileiro. Quem não se emocionou, ainda nos tempos da ditadura, antes da anistia, com o resultado de sua comovente parceria com João Bosco, quando Elis Regina soltava a voz em “O Bêbado e o Equilibrista”?

Naqueles tempos heróicos, em que Aldir brandia sua pena feérica também nas páginas irreverentes do velho “Pasquim”, os inimigos eram o militar, o tecnocrata, o dedo-duro, o torturador, os amigos do rei que sugavam as tetas do Estado, buscando socorro nos cofres públicos, e por aí vai.

A democracia expulsou esses tipos das páginas dos jornais de esquerda, das letras de música, das peças teatrais e dos panfletos, mas desgraçadamente eles foram substituídos por outro tipo igualmente detestável de gente: PC Farias, José Carlos dos Santos, João Alves e os anões do orçamento, lobistas e até ex-comunistas repentinamente apaixonados por capitalistas - não pelos bons, mas pelos predadores.

Pobre Brasil! O país do futuro sempre à espera de virar super-potência ficou reduzido a, que vergonha, uma pedra pesada no caminho do desenvolvimento da América Latina. Um país que japoneses visitam para fazer sempre a mesma pergunta: “Brasil tem terra, Brasil tem energia, Brasil tem recursos minerais, Brasil tem povo. Porque Brasil é pobre?”

Pois é: o Japão também tem seus corruptos, mas em nosso país a tragédia é que, à ladroagem, somam-se a incompetência, o mau-gosto e o egoísmo das chamadas elites dirigentes. Uma tropa de anões do caráter e gigantes da malandragem grossa que, até por causa da omissão dos que se vangloriam de ser honestos e capazes, tomaram conta do aparelho estatal, para chupá-lo até a morte.

Essa história satírica de Aldir Blanc, essa trajetória de farsantes pode ser lida como a história tragicômica de nossos amargos dias de desânimo. O que terá acontecido conosco para que tenhamos sido condenados a tamanho castigo? Esse de assistirmos, diariamente, aos sucessos dessa chusma de farsantes que riem de nossa impotência diante de seus desmandos?

Para Sérgio Cabral, o prefaciador desse livro, Aldir é o poeta das ruas do Rio, um artista que sabe juntar poesia e lirismo com humor e indignação, misturando personagens tão ricos quanto os de Nelson Rodrigues, Machado de Assis, Lima Barreto e outros luminares de nossa literatura.

Cabral não erra em sua avaliação. Mas o que mais encanta nesses textos de Aldir Blanc é sua indignação com certo estado de coisas. *Ridendo castigat mores*, podemos, quem sabe, ganhar forças para combater patrioticamente os sanguessugas da pátria. Desanimar não vale a pena. Resistir, ainda que tarde, sim.

Luiz Fernando Emediato  
Editor

Eis aqui mais um livro de contos, de humor, de crônicas ou de poesia pura deste extraordinário músico e letrista que é Aldir Blanc. Eis aqui um problema para os bibliotecários: é difícil classificar este livro. Como sugere Sérgio Cabral, melhor colocá-lo na estante de literatura carioca, ao lado das obras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo, Nelson Rodrigues e Sérgio Porto. Como eles, Aldir Blanc soube entender a encantadora alma das ruas.

Pra Isabel- ô xodó danado, meu Deus!

Pra Mariana (de novo!), grávida.

Pra Tatiana, que também estava grávida e me deu dois netinhos, Pedro e Joana.

Pra Patrícia (também estará grávida?!?)

Pra Ucha, que era pequenininha sentada na lata de Toddy em Vila Valqueire, virou uma linda mulher e fugimos pra Epidauro.

Pra meus vários netos recém chegados e a caminho: boa viagem!

# Aldir do Rio

Sérgio Cabral

Longe de mim a pretensão de conhecer todos os personagens de Aldir Blanc. Mas confesso que nenhum deles me é estranho. No mínimo, são do gênero conheço não-sei-de-onde. Na verdade, qualquer brasileiro que não seja exceção sabe quem são Dolores, Wilton, Valtércio, Flecha Dourada, Waldyr Iapetec e tantos outros e, se não sabe, não está ligando o nome às pessoas. Desconhecê-los, porém, não é manifestação de ignorância ou de incompetência; é que qualquer um pode estranhar ao encontrá-los, pela primeira vez, percorrendo as páginas de um livro.

Aldir é dotado de um talento especial para colocar em seu texto (e nas suas letras de música), inteiros personagens que nunca saíram das ruas os dos botequins (perdão, leitor: Nelson Rodrigues também andou envolvido com alguns deles). E faz tudo isso de maneira tão eficiente que fico imaginando o trabalho dos bibliotecários, no momento em que tiverem que classificar este livro. Pode ir para a estante das obras de humor, por que ninguém vai parar de rir no momento em que entrar em contato com a prima que tem ph e dois dêes de Toddy. É também um livro de contos, de crônicas e de poesia pura. Bairrista que sou, sugiro uma estante de literatura carioca, para que o livro de Aldir Blanc permaneça do lado de obras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo, Nelson Rodrigues e Sérgio Porto, a seleção brasileira dos escritores que melhor entenderam o espírito do Rio de Janeiro ou a própria “alma encantadora das ruas”, como escreveu Paulo Barreto que, de tão carioca, adotou o pseudônimo de João do Rio.

Por tudo isso, concluo minha rápida intervenção neste livro, dirigindo-me aos brasileiros de todas as regiões que tenham alguma dúvida sobre a nossa cidade: companheiros, o Rio de Janeiro é isso que está nestas páginas; é a cabeça e o coração desse extraordinário Aldir Blanc.

# Siempre en la Barca pra Paquetá

## 1ª Faixa: Dorinda

Eu sou do tempo em que o sujeito aprendia a dançar com as primas um pouquinho mais velhas. Delícia. Claro que era coisa meio incestuosa. A família - implacável censora de qualquer atitude que sugerisse sexo - liberava o sarro com as primas. Prima, com ph e dois dês de Toddy.

Na galeria de primas inesquecíveis, Gregório Barrios ao fundo, destacava-se Dorinda. Protestante. Estrábica. O más bonito em mulher com discreto estrabismo é que parece estar sempre à beira do orgasmo.

Em Dorinda, a suave mistura entre recato e cara de vou-gozar me enlouquecia. E, além do mais, ela ostentava um pequeno buço. Eu ficava repetindo, antes de dormir: o buço da prima, o buço da Dorinda... De fato, buço é uma palavra que provoca tresloucadas associações.

Quando a austera Dorinda me ensinava a dançar, nas festinhas da Rua dos Artistas, os adultos quedavam perplexos - talvez pela voz autoritária de Dodô (começou a intimidade) caso eu errasse um passo mais elaborado, ou quiçá, quiçá, quiçá pelo escândalo de minha barraca armada em contato com aquda inflação de tafetá, organdi, babado inglês, um sutiã como deis ariétes, anágua, combinação, meias com o fio corrido, e..., e..., e... Bom, calcinhas, queridas, nem pensar. Se naquela época passasse pela minha cabeça que, debaixo daquilo tudo, uma calcinha de renda expunha mais do que velava o cabeludo tesouro da Dodô, eu soltaria um berro tremendo e dispararia em direção ao banheiro pra uma sessão-nostalgia de “contigo en la distancia” pensando na Dodô, em sua cara de gozo e, lógico, em seu buço.

Ainda hoje, quando tomo uísque com guaraná, ouço a voz de Dodô murmurando: “São dois pra lá, dois pra cá” - embora, na verdade, ela gritasse comigo feito um instrutor do CPOR.

Dodô, minha nega, enquanto cruza outros mares de loucura, guardo nosso 78 rotações favorito, “Angustia”, com Bienvenido Granda (que buço!) e “Sonora Matancera”, um lançamento da Mocambo que juntos compramos na extinta Ótica Irany (Revelações, Cópias, Ampliações em 24 horas), lembra?

Tenho a impressão, Dodô, que esse disco vai ficar girando em minha vida hasta que tu decidas regressar...

## 2ª Faixa: Dolores

Bem que eu não queria ir naquele baile de gala no Clube de Regatas Vasco da Gama. Bacalhau de smoking fica mais deslocado que pingüim de chuteira. Mas o Dininho insistiu e eu acabei indo. Mal-humorado, ancorei o cotovelo no balcão do bar e comecei a encher a cara de cerveja. Já estava chamando urubu de meu louro quando a Aparição me cegou. Instantes depois, refeito do choque, recomecei a beber - só que, humildemente, pra tomar coragem.

Eu me contentaria em ser rato na abóbora daquela Cinderela. O medó fazia meus sovacos destilarem essências dignas de um desastre ecológico em Cubatão. Minha cabeça rodando, girava mais que os casais, fazia perguntas irrespondíveis: e se ela cuspir na minha cara?, será que ela vai reparar que minha faixa é uma adaptação do xale da tia Nicinha?, e se ela disser que essa merda de gravata parece mais mariposa que borboleta?, e se eu pisar no pezinho dela?, e se me der vontade de soltar um pum?, e se além de feder, fizer um barulhão?, e se eu vomitar o ensopadinho, meu Deus?!?

Ela era linda. Estava com uma gargantilha de pérolas de três voltas - minha força - combinando com o sorriso. E luvas. Luvas. E a ponta de um torturante bandeide no calcanhar. Se ela entrasse em meu quarto, numa noite de lua cheia, só de gargantilha e luvas, mais os bandeides afrodisíacos, eu confesso

que seria capaz de cometer uma loucura: dilacerar meu pijama verde de listrinhas, uivando como um lobo; estraçalhar suas luvas brancas com meus cariados caninos; romper a gargantilha com unhas roídas ávidas, deitá-la sobre as pérolas derramadas e, no clímax do surto psicótico, broxar. Tsk, isso acontece!

A orquestra foi fundo em La Puerta. E meu amor, como que hipnotizado, foi atrás da Cinderela. Quando a timidez ameaçava me paralisar, eu pensava no Garrincha driblando os adversários e ía em frente. Cheguei na mesa dela como se tivesse cruzado o Amazonas por debaixo d'água: molhado e sem fôlego.

O suor escorria pelas pernas de tal modo que temi ter feito xixi nas calças. O coroa com pinta de pai devia ser médico porque me fitou longamente, enquanto mordiscava um palito de fósforo. Uma eternidade depois, colocou o que restava do pauzinho no cinzeiro e perguntou:

- Quer um Valium?

Sou do Estácio, qual é?

Não perdi a pose. Esse babaca não me conhece, não sabe com quem tá falando, pomba. Respondi à altura:

- Se o senhor tiver Maracujina, sem querer abusar, eu aceito.

Justo nessa hora, a letra do bolero falava em padecer. Respirei fundo, tive uma rápida crise de choro, e dei a volta por cima:

- Terminei o científico no Externato São José.

Até hoje não entendo a razão daquelas gargalhadas.

Armei um ar entediado, tipo James Dean em Nilópolis, acendi a lapela esquerda do paletó com meu isqueiro Zippo e disse:

- Adoro bolero.

Engasguei com a fumaça e ela não ouviu nada. Ela ficava mais bonita ainda gritando: "Hein? Hein?". Tropecei no caderço desamarrado do meu insólito sapato social de lona (que eu também usava pra futebol e basquete), e caí nos braços do pai dela, que era um cara até bem-humorado:

- É comigo que você quer dançar?

Ela colocou água na fervura:

- Euclides, vai com calma, meu bem.

Euclides? Meu bem? Hiii.

Mas o cara era realmente compreensivo.

- Dá uma dançada com esse palhaço, Dolores, antes que eu arrebeste ele todinho.

Dolores! Fiz careta pra ele. Não levo desaforo pra casa. Ela me arrastou pro salão como quem puxa um poodle.

Dolores! Enlacei a cinturinha dela e dei uma rodopiada pra esquerda. Atingimos em cheio um garçon, e vários cuba-libres afluíram da bandeja para o vértice do decote de Dolores. Ela revelou verve e distinção:

- Bom, gelado tá, mas eu costumo tomar um de cada vez.

Procurei levar um papo descontraído, bacana, pra que a gafe anterior não provocasse efeitos colaterais.

- Minha vó Noêmia sabe fazer pavê de chocolate.

E ela, artilosa e criativa:

- Pa vê ou pa comê?

Meu gogó fez crunch, de paixão contida.

Continuei a conversa com a maior naturalidade.

- Você costuma ter cólica menstrual?

- Olha, eu...



- Mamãe prefere Regulador Gesteira.
- É mesmo?
- Você tem cabelos sedosos e ondulados. Deve ser graças ao legítimo Óleo de Ovo!
- Pra ser sincera...
- Vacinosan estimula a vida da epiderme. O melhor medicamento pra cútis.
- Quem sabe...
- Para uma dama, extrato, loção e pó-de-arroz, de Myrurgia.

Ela me censurou ternamente:

- Tira a outra mão do bolso que não fica bem..

Disfarcei, cantarolando no ouvidinho dela o Hino do Expedicionário. Tentei cativá-la com uma última cartada.

- Tu lembra do Coronel?
- Coronel?
- Hum, hum. Laerte, Orlando e Coronel. Do time do Vasco, campeão de 56.

Ela riu, brincou com meu topete emplastrado de gumex, beijou meu queixo de levinho e me chamou de maluco.

Voltei a mim na enfermaria do clube, mais do que nunca a Cruz de Malta cravada em meu peito. A turma é boa, é mesmo da fuzarca. Vasco, Vasco, Vas-cô!

Dolores, mesmo não sendo Sierra nem nascida em Salamanca, deixaste abandonada a ilusão que havia em meu coração por ti.

### 3ª Faixa: Marilda

A crooner do Conjunto Sete de Ouros chamava todo mundo de Hipócrita, no Vila da Feira, e eu, que nasci pra bailar, terçava passo com Marilda, moreninha de minhas relações, infelizmente não-sexuais. Perpetrei uma queda-de-asa e o salto do sapato dela quebrou. Levei-a, cavalheirescamente, até a mesa e dei uma de homem vivido:

- Fica triste não. Sapato alto é um problema.

Ela não refrescou:

- Sempre desconfiei que você também usava.

Hipócrita, cretina, filha da puta...

### 4ª Faixa: Pupurri

(Arranjo- Gilson Peranzetta)

A negra lingerie, a sobancelha feita a lápis, e olhos tais minúsculos aquários de peixinhos tropicais... Eu conheci tantas assim, dessas mulheres que um homem não esquece. E, no entanto, que coisa incrível, esqueci tanto começo inesquecível. Mas sou sincero: tenho alma de artista e tremores nas mãos. Na idade que estou aparecem os tiques, as manias, transparentes feito bijuterias pelas vitrines da Sloper da alma. Vou desligar a vitrola. No lado B só tem tango. Obrigado minhas fãs. Cheguei aqui, ao apogeu, com o auxílio de vocês. Guardem o livro, pra que os olhos relembrem quando o coração infiel esquecer.

*Um beijo, Aldir*

## Dia dos Namorados e Lacan

Eu também tive um Dia dos Namorados inesquecível. Foi em Paquetá, no ano de 1964. Faz tempo planejo escrever um livro: 1964, o ano que terminou mal pra cacete!

Mas isso é outra história, outros idos de março.

Sempre enjoei em barca, lancha, esqui... Não sou um surfista renomado porque o Plasil não fez efeito. Meus próprios sapatos, número 43, às vezes me provocam certa náusea.

Naquela fatídica manhã, do Dia dos Namorados de 1964, eu e Marluce pegamos um dos raros nevoeiros da Baía de Guanabara. Vagamos, ao sabor das ondas, de sete da matina até o meio-dia e meia. Saltei na ilha mais vomitado que chão de creche. Marluce apertou minha mão suavemente, tirou um tasco de talharim de minha barba e tentou levantar o moral:

- Tá parecendo o Netuno...

Fomos para a Praia da Moreninha. Eu conhecia urra passagem secreta que dava numas pedras, um nadinha de areia imaculada, lugar maneiro mesmo, ideal para a prática do sarro.

Após percurso cheio de peripécias - evitar cocô de farofeiro é pior do que o rali Paris-Dakar -, chegamos ao paraíso. Pisei numa galinha preta apunhalada, mas não perdi o bom-humor. Dei uma piscadinha marota pra Marluce e cantarolei, mais de uma década à frente do Caetano:

- O Haiti é aqui...

Estendemos as toalhas. Começou um chuvisquinho brando. O vento é que tava chato. Mangas desabavam sobre nós feito um bombardeio de meteoros. Improvisei um abrigo com minha capa de chuva e um pedaço de remo, num recanto estratégico entre duas rochas.

- Vem pra cá, meu anjo, que tá sequi...

Blhursh! Tsk, pisei no cocô.

Quatro horas depois o temporal amainou, Marluce voltou a si (ela desmaiara com o estrépito de um raio), tomamos uns goles de vinho Raposa e eu toquei, ao violão, minha paródia de Andança, para uso exclusivo em Paquetá: “Vim, tanta areia andei, tanto cocô pisei...”.

Marluce ria feito uma louca - provavelmente, não posso jurar, tomada por uma forma rara de histeria pânica: estávamos cercados por uns vinte e cinco cachorros, sendo que o menorzinho lembrava um pouco o doberman do Göering. Perguntei se eles tinham visto “A Dama e o Vagabundo”, rá, rá, rá, e corri pra água. O mar é meu chão. Marluce escalou uma jaqueira. Ficamos conversando até o anoitecer, quando os cães, atendendo ao chamado atávico da noite, foram uivar no diabo que os carregue.

Marluce, desceu da jaqueira e me esbofeteou.

- Covarde!

Sou normalmente um homem compreensivo, mas o dia havia sido estafante. Dei-lhe uma banda, pulei por cima dela disposto a estrangulá-la e... tive uma adorável ereção!

Tiramos rapidamente o que restava de nossas roupas e deu-se uma espécie de répening suburbano, um dantesco espetáculo de sexo grupai entre Marluce, esse locutor que vos fala, cerca de dois mil mosquitos, morcegos, uma pequena coruja e outros seres carentes que não identifiquei.

Inspirados no perfil escuro da Ilha de Brocoió, minha partner e eu nos arrastamos para a beirinha d’água. Penetrei o portal das delícias, dei uns solavancos empurrados pelas marolas e senti que estava prestes a atingir o clímax.

Ensandecida de paixão ( assim julgava eu...), Marluce deu tamanho beliscão em minha bunda que eu...

- Aaaaaiiiiiiiiiiiiiiii!

Marluce entrou em verdadeiro frenesi:

- Me espera... me espera....

- Aaaaaiiiiiiiiiiiiiiii!

- Aldir, querido... acho que nunca te vi gozar assim...

- E quem é que tá gozando, pombas? Solta minha... aaaaiiiiiiii!

- Mas, Aldir, eu não...

Graças a uns requebros de rumbeira da Praça Mauá, o desgraçado do siri largou a pelanca e correu pra água.

Vocês podem ficar chocados com o que eu vou dizer, mas agradeço a Deus ter sido um siri adolescente em vez daquele boto parecido com o Carlos Alberto Riccelli.

O clima entre Marluce e eu nunca mais foi o mesmo. Não adianta negar: eu sentia falta do siri.

Um dia, ela me devolveu minhas cartas, retratos, os discos do Ray Conniff. Veio tudo num pacotinho muito bem embrulhado, com um último bilhete enigmático:

TENTA O MIKE NELSON.

Fiquei magoado, passei meses na fossa, e resolvi fazer terapia lacaniana. Eu havia lido no Aurélio que siri é um crustáceo decápodo braquiúro, da família dos portunídeos, chegados a detritos em geral. Isso abalara minha confiança em mim mesmo.

A doutora era a cara da Dóris Giese. Passei várias sessões enrolando, sem coragem de revelar a razão de meu trauma. Um belo dia, depois de umas cervas com o Betinho, entrei no consultório disposto a tudo. Fui logo dizendo que tinha problemas sexuais com determinado animal. Ela discorreu brilhantemente sobre zoofilia. Quando consegui sussurrar que o bicho em questão era um siri, aí fez-se um silêncio de mais ou menos meia hora. Começamos a rir ao mesmo tempo, ela me confessou que adorava mexilhão, e saímos por aí, atrás de uma boa sopa Leão Veloso.

Como disse o sábio Lacan, em um de seus impagáveis seminários (Sêmen Áurio, na tradução MDMagno) :

- Chorrar é pur bébé doente. Sirri, aí c'est parfé, Tion Macalé. Nojente...

# Santa Milagrosa

Sábado de Carnaval. O índio entrou no bar Caras e Bocas, pintura de guerra feita com esparadrapo, sentou em frente a mim e suspirou:

- Canalha.

Estendi a mão.

- Prazer. Canalha de quê?

Ele riu. Fiz um sinal pro Davi trazer dois chopes.

- Minha vida era aquela criança e agora...

- Morreu?

- Não, foi morar com a tia.

**Bebi um gole e relaxei. Adoro drama contado em buteco.**

- Durante a gravidez a mãe dela não passou bem. Eu disfarçava meu próprio sofrimento bebendo e bancando o macho. Uma noite a mãe dela me pediu que fosse a um supermercado e comprasse mamão papaia, tava com muito desejo. Eu disse pra ela não encher meu saco. Ela me olhou com uns olhos de mágoa que eu não consigo esquecer. Senti que tinha perdido a mulher. Era só uma questão de tempo. A criança nasceu de sete meses, foi pra incubadora. Fiz promessa: se a menina vingasse, eu pararia de fumar charuto, ela se chamaria Aparecida e, durante três anos, sairia vestida igualzinha a santa, com andor e o escambau, no meio da bateria do bloco onde eu era o faz-tudo, o Grêmio Carnavalesco Quem Nunca Sentiu Vai Sentir Agora. Quando Aparecida fez cinco anos, a mãe fugiu com um protético. Disse que nunca mais queria me ver. Senti que era hora de começar a cumprir minha promessa. No carnaval seguinte, armamos o Bloco, na Praça Mauá, pra atravessar a Rio Branco de cabo a rabo. Caiu um toró desgraçado. Quando colocamos Aparecida, de manto e coroa, no andor, a chuva parou como que por encanto. Tava todo mundo meio de porre. Dorinha Valium-10 gritou: “Milagre”! Teve gente que se ajoelhou. De farra. Não choveu uma gota até que tirei Aparecida do andor, lá perto do Obelisco. Foi pousar a menina no chão e o pé d'água desabar. Dava pra ver respeito, medo até, nos olhos das pessoas. Eu tava engatilhando uma piada pra desanuviar o astral quando Aparecida fez um gesto tipo cala-essa-boca, e avisou a todos, com voz suave e adulta: “Esse ano foi a chuva, ano que vem serão os pombos”.

- Nunca tive tanta vontade de fumar um charuto na minha vida.

Eu quis mandar buscar uns charutos no buteco da esquina, já que o Caras não vendia nada de fumo. O índio riu:

- Não, obrigado. Parei de vez. Eu tive vontade naquela hora, lá na avenida.

Pedi mais dois.

- Bom, durante o resto do ano, Aparecida se comportou como uma criança perfeitamente saudável, sem problema. Nem pesadelo tinha. Chegou o Carnaval. Desfilamos outra vez na Rio Branco. Quando estávamos passando pela Cinelândia, um monte de pombos pousou no andor. Há quem diga que foram três ou quatro. Outros juram que foram dezenas. Eu não sei mais. No meio do tumulto, gente chorando, um menino que saía de cadeiras de roda, com uma cuíca, levantou e agradeceu a graça conquistada. Eu quase tive um troço. Me deu uma vontade de fumar tão grande que a minha boca entortou. **Olhei pra Aparecida: tinha crescido. A roupa de santinha tava na altura das canelas dela. Dava pra ver o tênis rosa-sujo. Fiquei com os olhos cheio de lágrimas e pensei: nessa terra até Nossa Senhora tem chulé. Aparecida sorriu docemente pra mim e orou: “Madrinha, faz eu voar ano que vem! Nem que seja só um pouquinho..**

O índio pediu pra ir ao banheiro. Sabia cortar na hora certa. Quando voltou, ficou calado um tempão. Não forcei a barra. De repente, começou a chorar. Mais dois e ele contou o resto da história.

- Era o último desfile dela. Na concentração, na Praça Mauá, tinha até Televisão. Vários jornais publicaram reportagens sobre os milagres. Muita gente tinha recortes, com fotografia da menina, presos no peito com alfinetes, colados, eu sei lá. Até o cardeal falou sobre o bloco em seu programa de rádio e aproveitou a deixa pra esculhambar a Xuxa. A praça fervia. Tinha PM em traje de gala, representante do Prefeito, bandeiras do PT, uma loucura. Nunca vi tanto aleijado junto. O malandro do repique era surdo-mudo. A maior mistura de cabrochas seminuas e beatas com vela, terço, ex-voto... Que zona, parceirinho! Depois de muita confusão, o bloco saiu. O refrão do samba era assim:

“Santos Dumont deu motivo pro Brasil se orgulhar  
Abre alas Ponte Aérea, que a Santa vai voar”.

- É mole?

Eu ouvia tão fascinado que o chope esquentou. Mais dois!

- Perto do Avenida Central ela abriu os braços e começou a tremer. Foi indescritível. O povo cantava o refrão como se estivesse numa igreja, a bateria sentando a lenha. A turma da corda não conseguia conter os fiéis. Pintou um turista alemão filmando a cena, baita charuto na boca. Não agüentei Tirei o palhaço da boca do gringo e puxei fundo. O andor todo balançava. Os foliões todos gritavam: “É agora! É agora!” Perto do Teatro Municipal uns babacas ensaiaram o corinho: “ Mar-me-la-da! Mar-me-la-da!”. Saiu um cacete pra Maguila nenhum botar defeito, todo mundo dando e levando. O único jeito de acabar com aquilo era Aparecida levantar vôo. Perdi a cabeça. Me pendurei no andor e dei um tremendo esporro: “Tá rateando, merda? Decola logo, sua filha da...!” E aí...

Eu quase sem ar:

- E... aí?

- Foi um vôo curto mas valeu. Aparecida soltou um berro medonho, despregou do andor, planou uns dois metros, o manto azul de cetim feito asa.-delta de pobre, e caiu de cabeça no meio da bateria. A massa delirou. Aparecida levou seis pontos na testa e, na Quarta-feira de Cinzas, foi morar com a tia. Disse que nunca mais queria me ver.

- Por causa dos palavrões?

- Não. Por ter enfiado a brasa do charuto na perninha dela. Eu costumo dizer que santa voadora não admite co-piloto.

# O Super-Homem das Alagoas

Ninguém sabe até hoje como o incêndio começou. O velho casarão, no centro da cidade, ardeu feito velho apaixonado por garotinha. A rua, deserta um segundo antes do primeiro grito, se encheu de palpiteiros, basbaques, gozadores...

O corpo de bombeiros demorou porque todos os telefones das imediações estavam com defeito. Alguns diálogos botavam mais lenha na fogueira:

- Nunca entendi por que chamam esses caras de bravos soldados do fogo. Se ainda fosse da água...
- Deve ser porque nunca tem água.

De fato, tinha mais cachaça na área que água da bica. Um carro-pipa fora providenciado, mas batera numa ambulância dirigida por um bêbado. Vários uniformes se desentendiam. Um comandante conservava prudente distância. Era um sujeito adiposo e inepto, ex-torturador e próspero comerciante no ramo de extintores especiais para prédios condenados. Dois policiais militares, que davam segurança à boca-de-fumo mais próxima, tentavam conter um chileno, radicado em Niterói, conhecido como El Apagadíssimo, que aparecia em toda sorte de sinistros, tentando tirar uma casquinha.

No auge da confusão, chegou a reportagem de TV e todo mundo começou a rasgar as roupas e a se sujar de fuligem pra aparecer na telinha. Um compositor interiorano radicado aqui compôs um tema na hora e deu declarações sobre a nova fase de seu trabalho. O refrão era: "ai, ai, ai, ai, ai, dantes os dentes rangerrugiam nos assíduos acidentes".

Quando o espetáculo ameaçava perder o pique, um homem saiu das chamas com uma criança nos braços.

A plebe foi acometida por aquele colapso do senso crítico que antecede a exaltação de atos considerados virtuosos no consenso da mediocridade (dá-lhe, Blanc!).

Senhoras aureoladas de bobs, envoltas nas encardidas mortalhas dos roupões de ílorzinha, experimentaram, na libido atrofiada, o êxtase das protagonistas de novela. Parasitas e vadias viam nele o Salvador. De todas as bocas maltratadas, do fundo dos pulmões corroídos, das gargantas pustemadas, das línguas saburrosas, dos dentes cariados, ééé, brotou a palavra mágica, espécie de aborto espontâneo que acontece toda vez que a boçalidade é fecundada pela farsa:

- Herói! Herói!

No dia seguinte, os jornais celebraram a vinda do novo Messias. Fotos indesmentíveis, como disse um Ministro, e editoriais candentes colocaram suaves cataplasmas na ferida nacional: um brasileiro íntegro.

A euforia fincara seus estandartes no coração da miséria. Os bares fervilhavam de palhaços que voltavam a crer em si mesmos. Donas de casa suspirosas encontravam motivação, alento - e até mesmo um certo tesãozinho - na figura redentora. Nunca o pavilhão auriverde drapejou tão garboso nos mastros de empresas antes maculadas pela corrupção. Economistas que serviram à ditadura militar diziam, modestamente, de olhos úmidos:.

- São os primeiros frutos da economia ue mercado. Dom Saulo Castilho não perdeu a ocasião de perpetrar um soneto inesquecível. O final era assim:

“Ao contrário do mulato mequetrefe  
move-o o charme sutil de um grande chefe,  
um Cristo a redimir o balneário.  
Espelhem-se, médiocres operários,  
que só se preocupam com o que comem

no saco elefantal do Super-Homem!”

O assessor de imprensa da Presidência da República anunciou o novo Imposto sobre Atos Heróicos.

Quarenta e oito horas depois do portento, a mãe da criança - uma menininha de dez anos que, infelizmente, faleceu por falta de atendimento médico - veio a público:

- É minha filha que foi seqüestrada mês passado quando meus outros sete filhos moireram fuzilados numa chacina lá no morro.

Nosso herói foi convidado a depor. Todos ansiavam pelo esclarecimento do lamentável equívoco. Mas, vida ingrata, a abstinência de cocaína a que se viu forçado o Cid Campedor pelo acúmulo de solenidades e homenagens, teve conseqüência inesperada: uma crise de choro e a confissão de co-autoria em inúmeros crimes. No caso em questão, a soldo de uma quadrilha de traficantes, mantinha a menina em cárcere privado, e, cedendo a impulsos bestiais, tinha acabado de agarrá-la quando ouviu os gritos de fogo.

Suplementos culturais publicaram matérias de vários especialistas em mente humana, unânimes quanto à intratabilidade do inconsciente. Um defendeu o uso de remédios. Todos defenderam os respectivos bolsos.

O tal compositor apareceu na TV, no horário vago entre dois pastores da Igreja da Graça Estelionatária., falou de seu novo trabalho e cantou o refrão de um hit inédito: "ai, ai, ai, ai, dentes de dentes já não mordem como antigamantes".

Dom Saulo Castilho deu um pulinho no Vaticano, pra meter o pau na Teologia da Libertação.

O assessor de imprensa - já tá ficando chato, ô babaca! - deu marcha a ré.

Donas de casas frustradas passaram a bater nos filhos pra que não se transformassem num monstro igual aquele. E, cheias de ódio, persignavam-se.

Nos bares, piadas sem graça tentam fazer frente à ressaca.

**Vosso um tanto amargo cronista cometerá o pecado da reiteração: com os heróis, todo cuidado é pouco. Às vezes, o valente que irrompe das chamas com a criança no colo não passa de um estuprador que não teve tempo de largar a vítima.**

Mas, sei lá, não se desesperem. Como disse o Médici, vem aí a próxima Copa do Mundo.

# Roteiros

Inflação, crise dos valores morais e espinha na bunda são coisas que fazem a gente refletir. Com o chazinho das \_ crianças ameaçado (o leiteinho acabou faz tempo), aceitei a proposta de um grupo de azerbaijanos dissidentes, radicados na boca-do-Lixo, e cometi alguns roteiros para filmes pornográficos.

O primeiro filme é gay.

**Título: Dois Maranhenses na Perestróica.**

Neva em Leningrado. A câmera passeia pela fachada de um prédio. Aproximação lenta de uma janela onde se vê um pequeno mastro com duas cuecas e a bandeira do Brasil. Corta para o interior do quarto. Dois rapazes bigodudos, especialistas em estradas de ferro, estão abraçadinhos sob a coberta. São maranhenses. Contrariando a lógica chamam-se José e Ribamar. Cresce a trilha sonora, Coração do Agreste: “Regressar é reunir dois lados...”

- Brrrr, que frio! Tô com o Gorby todo encolhido no meio do brejal...

- Vamos brincar de marimbondo em fogo?

- E quem é que vai botar primeiro?

- Eu.

- Ah, de novo?!

- Qual é o problema? A moral intrínseca a nosso intercuro não é “os últimos serão os primeiros”?

- Nem sempre, nega. Da outra vez você não queria tirar e eu quase fiquei na saudade.

- Olha, ou você entende que nosso relacionamento homossexual é uma tentativa de transgredir os padrões estabelecidos do machismo ou te meto a mão ná cara!

- Gostoso! Bota! Bota tudo!

Ribamar pula da cama e bota o roupão. José geme:

- Aí, um roupão só, numa cidade como essa, é coisa de subdesenvolvido mesmo...

A janela. Neve. O som de um tapa. Gritos. Sussurros.

Cresce a trilha; o anzol dessa paixão me machucou...

\* \* \*

Esse aqui dá merchandising. Levei horas pra achar o nome adequado: Iogurte Profundo. Hein? Hein?

Estimulados pela propaganda, aquela muito sutil das lésbicas fazendo 69 o casalzinho resolve se lambuzar com iogurte diet. Vão ao supermercado. O preço aumentou e eles não têm posses pra comprar o produto ansiado. Ela vende as jóias e os dois voltam ao supermercado. Mas o preço aumentou. Vendem o apartamento de cobertura. Mas o remarcador implacável frustra novamente o desejo dos dois. Desesperados eles assassinam uma velhinha que ia saindo de uma agência da Caixa Econômica com a poupança da vida inteira pra comprar um fixador de dentadura. Ainda ensangüentados, interrompem a fuga diante de uma vitrine. Vários televisores ligados. Num deles, Albano Franco diz que não está havendo excesso, que as regras da economia de mercado, blá-blá-blá...

Ela se prostitui, ele aplica no over. Nada. Pedem esmola:

- Um iogurte diet, pelo amor de Deus!

Um coroa esfarrapado berra:

- Não peçam nada em Meu Nome a essa corja!



Comentários do produtor:

- Esse filme tem tanta baixaria que é preciso um final bem ortodoxo.

Sugestão do Diretor:

- Ortodoxo.... Já sei! Termina com o cara esguichando iogurte na cara dela!

- Isso!

\* \* \*

O roteiro seguinte visa uma faixa de público mais intelectualizada: **Penetrações Estruturalistas.**

Ouve-se ao longe uma flauta indígena.

Setor de pós-graduação de uma universidade católica. Suruba (troca generalizada) em sala de aula.

Os estruturalistas recusam-se a participar. Ficam a um canto, apáticos, ressabiados. Não se desfazem sequer das merendeiras, com o lanche à base de sintagmas com germe de trigo. Uma loura de óculos espinafra o parceiro:

- Não sei por que você me imputa essa aptidão, seu selvagem!

Os estruturalistas ficam loucos e entram de cabeça na orgia. Seus gritos de prazer abalam as estruturas do prédio:

- Mete!

- Mito!

- Tá paradigmático, meu bem?

- Uma verdadeira metonímia, gatinha!

Súbito, no auge de uma variação estilística, alguém cai em pranto. Um padre fantasiado de Darwin pergunta:

- Que foi? Que foi?

- Hiii ! O totem dele tava althusser mas levistrou de repente...

Consternação. Palavras de consolo. Alguém propõe um simpósio sobre o tema. Um feiticeiro brande o chocalho e evoca as divindades:

- Saussure! Jakobson! Barthes! Mas os trópicos do moço continuam tristes.

Por sorte, uma professora da TVE entrou na sala por engano e mudou o código:

- Não fica assim, querido. Eu resolvo o teu caso. É só cair de lingüística e... pronto!

Sobe a flauta.

\* \* \*

O último roteiro mistura perversão na infância e o mais puro horror, fórmula de sucesso garantido: **BAIXINHOS EROSTÉTRICOS!**

Um casal de gastrônomos tem quatro filhos adotivos, duas meninas e dois meninos. Percebendo que as crianças estão falando sobre sexo, os pais xeretas ficam escutando atrás da porta.

- Eu sempre sonho que me casei com o Maguila.

- Às sextas-feiras, dia de feira, nossa empregada compra um robalo enooorme. Assim que ela começa a untar a forma pra colocar o peixe no forno, eu fico excitado...

- Quando o Collor fala de nossas elites, hum, eu me arrepio toda...

O gordinho faz cara de choro:

- Eu não sei do que vocês estão falando! Eu gosto de miojo!

Os olhos da mãe saltam da cara e rolam escada abaixo. O pai se atira pela janela e é empalado pela barraca de uma carrocinha de Kibon.

A trilha sublinha o drama: "Ilariá, ilariê, ôôô".  
Miojo. Que horror, porra!

# Cachorradas

Eu sempre alugo um vídeo pornô, quando não encontro filmes do Gordo e o Magro disponíveis nas locadoras. À exceção de algumas gargantas antigas, ou uns três filmes do diretor cult John Stagliano, é tudo a mesma chanchada. A gente continua alugando de teimoso. O poeta que escreveu “Já li todos os livros”, podem crer, assinaria embaixo da frase: “Quem viu um vídeo erótico viu todos”. Meu amigo Luís Alfredo, mais sério do que eu, acha que continuamos garimpando nas prateleiras dos clubes por motivos meio proustianos, à recherche de alguma coisa que nunca mais encontraremos, talvez mais sonhada do que vivida no duro (epa!). Mas é nessa procura aí que reside a força irresistível do cinema. Agora mesmo estou envergando minha fantasia de Indiana Jones e partindo pra Vídeo Shop da Tijuca, em busca da xota perdida.

Confesso aos leitores que fui recentemente à boca-do-lixo pra tentar vender um roteirozinho de minha modesta autoria, coisa simples, meio soft, com bestialismo, sodomia e corrupção de menores. Acho que os produtores não vão se zangar se eu contar a muvuca pra vocês. Em primeira mão:

Em Brasília, às três da tarde de uma quarta-feira, rolava a maior suruba superfaturada na mansão de um ex-ministro. Devido aos preços exorbitantes, um popular (que havia entrado de penetra) não conseguia comer ninguém. Uma sugestão: o popular deverá ser protagonizado por João Canabrava, da Escolinha do Professor Raimundo.

Continuando: Canabrava começava a se desesperar porque não conseguia afogar o ganso, graças ao altíssimo cachê cobrado por lobistas e socialites, quando um juiz togado e um perito da Polícia Federal deram a dica:

- Olha, naquele quarto escuro em frente, por apenas trinta mil dólares, há uma profissional que pode quebrar o teu galho.

- Mas eu não tenho essa grana!

- A gente te empresta a juros da Febraban, desde que você se comprometa a distribuir nosso fumo na tua repartição.

Após alguma barganha, as partes chegaram a um acordo, sem precisar recorrer ao Supremo.

Canabrava entrou no aposento às escuras, tateou o contorno de uma cama e... um orifício! Saudoso como estava, foi logo invadindo o Kuwait. A suruba foi interrompida por ganidos e uivos lancinantes. As luzes do quarto se acenderam. Uma cadelinha em pânico, com laço de fita cor-de-rosa e olhos onde se misturavam dor e prazer, encostava na parede a estrela do xerife em fogo.

Também assustado, Canabrava chiou:

- Pera lá, trinta mil dólares pelo cu da cachorra?

Foi aí que o tal ex-ministro apareceu:

- Pra que esse escândalo, meu filho? Reconheço que foi um pouco heterodoxo, mas a bichinha também é um ser humano.

# Historinha para duas Maracas e um Bongô

Valtércio adorava bolero. Acordava com El Reloj e ia dormir ao som de Noche de Ronda. Nos fins de semana, em Saquarema, compunha um bolero interminável. Resmungava perfídias e palavrões, e não conseguia bolar um fecho de ouro. Ficava desesperado e botava a culpa na Zuleica. Mulher serena, dedicadíssima ao lar, Zuleica, na opinião de Valtércio, não dava samba - ou melhor, bolero.

Bem que Valtércio tentava criar caso:

- Hoje, na praia, você não tirava o olho de um rapaz de sunga amarela. Tava admirando o Trio Los Panchos dele?

- Eu, Tezinho? Eu só tenho olhos pra você.

- Grrr. I only have eyes for you não é bolero...

- O quê?

- Nada, esquece.

Sem inspiração, Valtércio esticava o bolero. Ravel babaria de inveja. Empacou numa rima rica pro "Mirar". Depois de um churrasco na casa dos compadres, Valtércio, meio pinguço, apelou pro melodrama em portunhol:

- Zuleica...

- Quié, Tezinho?

- Não me chama de Tezinho, porra! Tezinho não dá bolero! Nem música sertaneja güenta um Tezinho, Zuca.

- E Zuca? Zuca dá bolero? Você imagina um mexicano de sombrero e bigodão chamando a mulher de Zuca?

- Bah, Zuca!

- Bazuca é tua mãe!

- Pelo amor de Deus, atende-me!

- Tu não é telefone.

- Yo necesito hablar-te!

- Fala feito gente!

- Algo que quiçá no esperes, doloroso talvez...

- Tá com hemorróida?

- Grrr, escucha-me!

- Oh, Deus, como eu sou infeliz!

- Isso é samba-canção, porra!

- Não grita comigo, Tezinho!

- Grrr, assim o farei. Nosotros...

- Eu sei que é refresco.

- Refresco? Que refresco?

- No dos outros é refresco. Não é isso que você quis dizer?

- Isso é marchinha de carnaval, porra, não é bolero.

- Tem dó de mim, porque estou triste assim.

- Não venha com choro!

- Por que tanta judiação?

- Ai, meu saco, agora é baião!

- A gente somos inútil.  
- Olha, se apelar pro rock feito o Medina, eu cometo uma loucura! Por favor, Zuca, devemos separar-

nos.

- ?
- No es falta de carino...
- Vai ver que é, vai ver que é.
- Outra marchinha e eu te parto os corne!
- A vespa da intriga originou outra briga.
- Engole a seresta! Engole a seresta!
- Que será de mim?
- Sempre a mesma cantiga... Você não entende que faço isso en nombre deste amor y por tu bien?
- E no ABC do santeiro, não vai nada?
- Vê lá como fala, sua vaca!
- Hipócrita!
- Graças a Deus! Um bolero!
- Tu é um garganta profunda!
- Hein? Boa idéia pro final, Zuca! En tu garganta profunda, jorro poderoso como el mar! Achei!

Achei rima-rica para mirar: el mar! Que tal? El Mar...

- Ah, não enche!

Valtércio quebrou o violão na boca de Zuleica.

Horas mais tarde desabafava com o delegado de plantão:

- “Não enche” é coisa que se peça ao mar, doutor?!?

# O nível

**W**ilton quase engoliu a pedra de gelo do uisquinho:

- Elas querem o quê?!

- Calma, Wilton. Olha a pressão...

- Repete, Marilza. Eu não devo ter ouvido bem.

- Ai, meu Deus! Não fica assim, Tico!

- Não me chame por esse apelidinho idiota. Repete o que tu falou. Repete que é pra ver se eu não tô maluco.

- Chega de drama, Wilton! Elas são meninas normais. As coleguinhas na escola falam no assunto, juram que já viram e é perfeitamente natural que elas queiram ver também, pombas!

- Eu não acho nada natural que elas, aos treze e aos quinze anos, queiram ver pombas e pombas!

- Olha o nível, Wilton, olha o nível!

- Nível? Você vem me dizer que minhas filhas querem ver um filme pornô no meu vídeo e ainda tem a coragem de falar em nível?

- Tudo bem, Wilton. Se você prefere que elas aceitem o convite de um desses jogadores de futebol do conjunto, tudo bem.

- Convite?! Eu mato um cachorro desses! Eu...

- Por favor, Wilton! Me escuta, cara! Me ouve, ao menos uma vez na vida! Nós temos uma porrada de fitas dessas, né? É só selecionar uma menos... menos... traumatizante. Nada de chicote, vibrador, anão bem-dotado...

- Péra lá, Marilza! Que história é essa de anão bem-dotado? Eu não tenho fita com anão. Onde é que tu viu isso?

- Era só um exemplo, meu nego. A gente escolhe uma fita mais soft, faz o desejo delas, o troço perde o mistério e pronto! Elas cantam marra com as coleguinhas, também já vimos etc., e fica tudo na maior limpeza. Qualé, Wilton? Eles vêem pornô até na Escola Superior de Guerra, né? É moda, querido. Feito a vizinha do 801: dá e passa!

Wilton renovou a dose e os dois partiram pra seleção:

- Hum... tô me sentindo meio Brossard...

- E daí? Eu também tô dando uma de Dona Solange, não tô? Fica frio.

A primeira fita selecionada por Wilton era uma tal de Suzy's Centerfolds. Marilza vetou:

- Masturbação não!

- Ué, mas isso é o que elas mais fazem!

- Mas não há necessidade de aprenderem novas técnicas com essas louças. Uma coisa é a masturbação como um estágio do desenvolvimento sexual normal das minhas meninas, certo? Agora, piranha tocando siririca profissional é outro departamento.

- É a minha vez de dizer: olha o nível!

- Desculpe.

- Tem essa outra aqui: Süperwoman. É uma sátira. Pode ser que o clima de gozação atenua a brabeira.

- Acontece aquela coisa horrorosa de espirrar na cara da mulher?

- Espirrar?

- Não banca o gaiato, Wilton! Você sabe de que qui eu tô falando...

- Ora, Marilza, esses lances são quase obrigatórios nesses filmecos. São o creme, rá, rá, rá!... Não precisa me olhar com essa cara...

Acabaram resolvendo botar só um trecho de um filme não muito explícito, metido a artístico, City Heat ou coisa parecida.

Marilza fez uma exposição preliminar sobre enamoramento, amor, escolhas insensatas, complexo de Cinde-rela, Mariazinhas, prós e contras da obra de Milan Kundera e encerrou, brilhantemente, estabelecendo um paralelo entre pornografia barata e a lavagem de roupa suja nos debates políticos.

Wilton apertou a tecla play e recolheu-se ao banheiro, acometido de avassaladora diarreia. A fita correu. Lá pelas tantas, Helô comentou com Nandinha:

- Tô achando o pau desse cara meio barro, meio tijolo.
- Podes crer. Desde o 69 que tá assim.
- Também ela mamou mal paca.
- Não sabe prender entre a língua e o céu da boca.

Não temos o resto da conversinha. Wilton tá no Miguel Couto, onde o tubarão virou boto, e a Marilza foi pro Pedro Ernesto, onde tu entra Maluf e sai honesto.

# Tenda dos Trambiques

A febre de mudanças é um fato.

Perto da minha casa, na Muda, funciona um centro espírita, a Tenda Eclética Ogum Von Braun. Também os caboclos Pretos-Velhos se adaptaram aos novos tempos econômicos e deram uma reciclada nas entidades.

Eis alguns santos com novo sincretismo:

OGUM - Desfila sempre na frente, agora abrindo caminhos com uma imagem do míssil Tomahawk.

Guerreiro inveterado, suas novas cores são o roxo-hematoma e o vermelho-sangue. Seu emblema é a máscara contra gases. Aprecia madeira de dar em doido e muitas pedras, tendo crediário na H.Stern.

COMIDAS - Qualquer uma, desde que seja au gratin. É o primeiro orixá a ser saudado depois que Exu é despachado de mau humor num jatinho executivo, levando o pedido de concordata.

PONTO - "Ondó Arê Odidia.

Caiu o muro.

Acabou a guerra fria, e o Iraque, Vige Maria...

É, minsinfio,

Contra tombo e avaria

bota o teu ouro

Pra render na Golden Guia".

Uma curiosidade: na Bahia, Ogum deu declarações a favor do novo congelamento e acabou substituído por Oxóssi, adepto da economia de mercado.

\* \* \*

OXÓSSI - Ligado aos caçadores de marajás, Oxóssi se acha o Rei da Cocada Preta . Também é médico ilustre, e foi punido com censura pública pelo C.R.O. (Conselho Regional dos Orixás) por omissão de pontos (Oxóssi estava fazendo despacho em Tóquio), quando Tancredo Neves começou a desencarnar com as flechas do Hospital de Base.

Aconselhado pelo idiota do porta-voz, Oxóssi trocou a gloriosa insígnia da dignidade dos reis, o erukerê (espanta-mosca), por um jet-ski.

É saudado com o grito: Okê?! Okê?! não caiu, porra?! Aí os estudiosos se dividem, atribuindo o tal grito à garça sagrada ou à inflação.

COR - Lusco-fusco de listras zebreadas.

PONTO - Depois de um dia inteiro de operações escusas nas Bolsas de Valores do Rio e de São Paulo, Oxóssi canta em tem de lamento:

"Erundilê efegun,

Se eu ficar a nenhum

Dou um golpe na praça de Oxum.

Vou mergulhar, tchibum!

Preso, eu agüento essas barras,

Suborno um e recebo o Nagi Nahas".

COMIDA - Crêpe Suzete.



PASTA DE DENTE - Crest.

LOÇÃO DE BARBA - Aquela antialérgica que compra no Boticário.

ELEFANTE - O protótipo Dumbo, da Ferrari.

SONHO DE CONSUMO - Ser seqüestrado e depois promover o Oxóssi in Rio.

\* \* \*

BOBO - É o rei dos Orichatos. Trocou o criolêu pelo pó-de-arroz. Depois foi dormir no Curintcha.

PALAVRAS MÁGICAS - “Essa coisa” e “a nível de proposta”.

Dança bem diversos ritmos exóticos: lambada, fricote, frescura, desbunda, melê, xixi, cocô.

Quando baixa no terreiro com sua fala mansa e agradável, toda a comunidade canta desesperada:

“Xegô Bobô,  
tá ali em pé na sala.  
Xegô Bobô,  
Ai, como esse cara fala!  
Xegô Bobô  
que é metido a dar a pala.  
A boca dele  
e o meu ouvido rala.  
Xegô Bobô,  
boca aberta que nem vala.  
Vô sartá fora  
Queu não seguro essa mala”!

\* \* \*

IAN SÃ - Divindade dos ventos, das tempestades, inimiga do Prefeito Marcelo Alencar, provoca enchentes, principalmente na Praça da Bandeira. Capaz de cuspir fogo, é uma parada num bate-boca com a vizinha.

Moderna e independente, é a verdadeira autora da festejadíssima frase: Maa àwo lê kunda mu odó (incomodada fica sua avó).

Apesar de ainda manter seus belos cânticos com o tradicional começo olá, na intimidade prefere Julio Iglesias.

EXU - O brasileiro não pegou bem o espírito da coisa e teme indevidamente a Exu, o que revela uma tremenda babaquice sincrética. Exu é boa-praça, briteiro, chegado a um pagode em Paquetá. Fiel ao mulatório, nem por isso dispensa bunda de patinadora nórdica.

SIGNO - gêmeos

BICHO - jacaré

COMPOSITOR - Moacyr Luz

E agora dá licença, se eu sou de bem me receba, que Exu vai cantar pra subir:

“Detesto bico, não suporto vaselina,  
em diplomata eu também não sou chegado.  
Tomo a primeira logo às nove da matina  
a happy hour é conversa de viado”.

# Códigos e Codinomes

Não é que a gente queira debochar. Obrigam-nos a isso. Quando um marmanjo, pago com nosso dinheiro, envolvido em operações escusas, escolhe para si mesmo (ou escolhem para ele) o codinome Flecha Dourada, sinto que é minha obrigação esculhambar ao máximo os celebrantes desse carnaval mórbido.

Imagino uma reunião para resolver códigos e nomes de guerra.

Flecha Dourada coloca languidamente o cigarro na piteira de madrepérola:

- Que tal “Operação Dragão”?

- Nooo-oo-ssa! Aquele bicho nojento que aparece de coadjuvante do santo em medahlinha de suburbano?! Detestei!

- Pobreza!

- NenúfarTresloucado, quer parar de cortar esse molde e dar uma idéia?

- Hii, não implica com o meu molde, tá!? Foi feito por mim!

- Desculpe, rião precisa se ofender. “Dragão” tá bom pra você?

- De jeito nenhum! Isso é uma operação séria ou alegoria do Joãozinho Trinta? “Dragão” é cafonérrimo, prefiro “Branca de Neve e os Sete Asnões”.

- Anões, sua louca.

- Vai por mim, querida: bota Asnões mesmo. Sempre acaba em burrada...

- Vou telefonar pro salão e pedir uma dica pra Surucucu de Valisére.

- Não está no Brasil. Foi fazer um curso de aperfeiçoamento no Chile.

- Que zumbido horroroso é esse?

- Se for marimbondo de fogo, juro que eu me atiro pela janela.

- E porão tem janela, filho? Desencanta!

- Não se trata de nenhum inseto incendiário, gente. O zumbido é do nosso rádio.

- Ai, que tédio! Deve ser o Uirapuru Metaleiro falando em traineira. Só tem esse assunto.

- Bota na FM, depressa!

- Chamando Flecha Dourada. Câmbio. BZZZZ.

- Virgem Maria! Pelo barulho, deve ser o Kid Abelha...

- Responde logo, Flechinha.

- Aqui, ó! Não é minha função. Chama o responsável pelas comunicações.

- Então deu estática, neguinha. Mandacaru Soft baixou enfermaria.

- BZZZZZZ. Responda, Flecha Dourada. Câmbio.

- Passarei a usar o código D.O., tá? Mensagem top secret. Câmbio.

- Prossiga. Câmbio.

- Teu mal foi comentar o passado. Ninguém precisa saber sobre o que houve entre nós dois. O peixe é profundo das redes, segredo é pra quatro paredes. Câmbio.

- E o lencinho branco que esqueceste? Câmbio.

- Uma remota batucada. Câmbio.

- Sua voz habitual não ouvi dizer bom dia. Câmbio.

- Foi o ciúme que se debruçou sobre o meu coração.

Câmbio.

- E a lua anda tonta? Câmbio.
- Estão voltando as flores... Câmbio.
- Bandeira branca, amor? Câmbio.
- Tudo acabado entre nós. Já não há mais nada.

Desligo.

- Qual o significado da mensagem?
- Foi usado o código D.O. Sigilo total.
- D.O. quer dizer Dificuldade Orientada?

- Claro que não! D.O. é a tua, a minha, a nossa Dalva de Oliveira! A base do código é o repertório dela. A mensagem significa: o jornalista falou demais. Afundem-no. Possibilidades de deixar pistas são remotas. Fazer parecer crime passionai. Situação melhorando para nós, mas devemos fingir que não temos mais função na Nova República, santa.

- Ufa! Tô morta.
- Não fala assim que atraí, garota.
- Precisava de uma boa sauna pra relaxar.
- Boa idéia! Vamos passar na Escola Superior antes pra uns camparis.

\* \* \*

- Chega a dar saudade do tempo em que Raposa Vermelha chamava Urso Branco e surravam juntos os boches, né?

# Guerra é Guerra (A Invasão)

Exatamente às cinco e porrada da matina, o Marechal-de-Cama-e-Mesa Átero Escler Ozze saiu do Regine's e ordenou ao Bicheiro-Major Aloísio Sagrado Coração que invadisse a Ilha de Paquetá e retomasse o ponto da Ribeira, também tradicional boca-de-fúmo desde trasantontem em poder de Genivanildo Porciúncula Garanhuns, o “Bob Moore”. A força-tarefa, comandada pelo porta-aviões Nelson Ned, tem como líder da esquadrilha de 14 BIS o segundo herdeiro em linha direta (?) do industrial-contraventor Urânio Pólio Falcatrua, o Príncipe Adilço Valdecy Hamirton Guálti Betinho Leco Queridão da Mamãe, o “Neném Psicopata”.

Esse repórter infiltrou-se nas baterias da belonave, setor das cuícas. O moral é elevado, neguinho cheirando yolandas e estefanies de com força. Segundo alta fonte do Ministério da Contravenção, “a operação é sigilosa pra cacete e leva o sugestivo nome de código Camisa 7”, porque a extrema direita joga bomba nos outros, mata, censura filmes e revistas, mas, como se sabe, não existe. Nem na Seleção tem extrema-direita.

Prosseguindo em sua explanação, a alta fonte, que atende pelo apelido de “Lindóia”, deixou em escuro que “o importante é confundir a opinião pública. Quer farofa? Adoro farofa. Vamo aproveitar o passeio pra espalhar umas garruchas enferrujadas por lá e uns panfletos que a gente mesmo deu um trato. O objetivo é botar a culpa nos comunistas, no Comando Vermelho ou mesmo no Roberto Dinamite. O delegado Luterinho Nazi comandará as lanchas de desembarque porque ninguém sabe de que lado ele está. Nem nós. Tal expediente ia ser testado nas rebeliões da Casa de Detenção, em São Paulo. O mediador das negociações ia ser o Maluf, na cadeira de rodas, que eu nunca vi gente pra quebrar feito banqueiro. Ia confundir todo mundo. Os guardas iam ficar em dúvida: Quem é esse cara? Foi quebrado aqui mesmo ou já veio 'reabilitado' de fora? Os presidiários teriam dilema parecido: queimo o turco ou não? Pela pinta parece um dos nossos.”

Na altura da Praia da Moreninha, a força-tarefa deteve-se, atolada em afogados. Alguém perguntou:

- Será que esses cadáveres ajudam a consolidação do regime democrático? Por que teimaram em se afogar? Não viram a placa de dois centímetros que foi colocada advertindo para o perigo? Morto brasileiro tem mania de aparecer!

Um ex-torturador, responsável pela descarga do ponto a ser reconquistado, espantou-se com a quantidade de afogados:

- Puxa, parece coisa nossa, nos bons tempos!

Por trás das linhas inimigas está o valoroso General Meumal, em uniforme de campanha, pescando siri. O lendário militar, responsável pela Campanha da FEBre na Itália (pegou resfriado em todo mundo por lá), não aderiu à força-tarefa. Prefere esperar para ouvir a opinião de Rambo, principalmente depois que os vietnamitas mandaram o Reagan tomar no Rambo.

Os barcos serão reabastecidos em Governador e já foi feita a vaquinha pro Dreher. Embora “Bob Moore” não tenha ainda disparado um só tiro, é grande o número de baixas entre os invasores, por causa de um jogo de ronda no convés. Entre os mortos, um homem alto, magro e louro foi identificado pelo Delegado Luterinho Nazi como sendo o crioulo baixo e forte, de boné, que matou Mariel.

O Ministério das Relações Exteriores distribuiu a seguinte nota:

“Pára com esse esporro aí que o Cisne quer naná”.

Ex-Ministro da Justiça, atualmente no tráfico de jóias, acha que os litigantes não serão punidos porque poderão evoca: o TLRL (Tratado de Ladrão que Rouba Ladrão), que lhes garante cem anos de

perdão. E completou:

- Mais urgente e hebefrênica é a cruzada contra a pornografia, em seu corrimento anticlitórico e penifíbico! O que realmente é a argamassa dos granulados da puberdade com as sementes das vagens da *Phaseolus Vulgaris*, ou seja, tutu! Os diamantes são eternos mas podem dar prisão perpétua. Eu consegui escapar. Já os dois milhões de envolvidos com o esquema PC, não sei...

Bom, o combate será daqui há uns cinco minutos. A tensão é grande. Muitos botando trava alta nas chuteiras. Assaltaram a bolsa de apostas. Quase morremos de susto ainda agora. Um submarino ia nos abalroando. Alguns gritos de “barbeiragem”, ô Cego Aderaldo!”, “vai ver é mulhé na direção!” e outras tiradas impublicáveis.

Quando o confronto parecia inevitável, o guapo Capitão de Mar-e-Moto Max Onaireves, do submarino Nanã-Borocô II, gritou pra gente, valendo-se de um megafone JVC, contrabandeado da Zona Franca:

- Calma, rapeize! O Landau enguiçou e eu tô indo passar o fim-de-semana com a família em Saquarema nesse outro “chapa branca” de nossa propriedade. Ademã.

## Novas Lendas Brasileiras

Nham-Borocochô, o Papagaio Velho, todo dia voava ao planalto das grandes cuias pra buscar alimento. Os macacos, com enorme alarido, seguiam Nham-Borocochô. A grande cuia virada pra cima continha mel. A grande cuia invertida era tabu. Nenhum bicho podia olhar o que a cuia invertida tapava. Num dia de festa uns macacos safados disseram:

- Nham-Borocochô pega mel numa cuia só porque tem um bico só, mas nós temos quatro patas.

E assim os macacos meteram os pés pelas mãos e misturaram o mel da primeira cuia ao esterco, matéria que a segunda escondia. Pê-da-vida, Nham-Borocochô, o Papagaio Velho, lançou terrível maldição sobre os macacos trapalhões.

Até hoje, lá no Planalto, a macacada é paga pra não aparecer. Mesmo assim, às vezes surgem, ninguém sabe de onde, votam com várias patas ao mesmo tempo, e o ar fica impregnado de forte cheiro de esterco.

\*\*\*

Uirapitiático era um índio muito agitado. Cuidava do Grande Almojarifado onde ficavam amiazadas a mandioca e a came-seca. Muito meticuloso colocava as mandiocas à sombra e as mantas de came-seca ao sol. Num dia de muita chuva, tava tranqüilamente queimando um fumo, ao som de Tatu-bola e seus Tamanduás-que-dão-bandeira, quando uma divindade com celulite adentrou o recinto. Uirapiáüico tentou puxar um papo.

- Chuva pau, né?

- Qualé, Juruna? Essa é manjada. Como castigo por ter começado cantada com piada velha, você vai ter que colocar nas costas a mandioca que esteja mais pesada e carregar a dita-cuja até o outro lado, onde merecerá um lugar ao sol, por cima da came-seca.

E assim nasceu a prima da Dona Carmen.

Jakebutá, que no dialeto siririca significa Grande Guerreiro, não tirava a mão do tacape.

- Tupã me deu tacape grande mas eu não tenho onde butá.

- Quero, mas não há!

Penalizado com o mitológico atraso do Grande Guerreiro, Tupã misturou um perdigoto de Cláudio Humberto com suor de Gretchen e deu origem à cabocla Ripanaxulipa Bumbum, conhecida como a Dançarina Louca do Impeachment.

Quando Jakebutá viu Ripanaxulipa dançando pela primeira vez, levou a mão ao enorme tacape e foi acometido de AITS (Síndrome de Autoinflação do Tacape). Tupã ordenou que Ripanaxulipa encostasse o Bumbum no tacape de Jakebutá.

Dias depois, um pouco mais magro, Jakebutá comentava a nova prática com Chiquinho Botelho, no Calígula:

- Pô, cara. É muito melhor do que as figuras de barro que o pajé deixava a gente ver na Taba Superior de Guerra.

\* \* \*

Ninirataca matou e ficou de bico calado. Vanaçu descobriu o crime e falou pro assassino:

- Como a impunidade nesta terra faz mais estrago do que praga de gafanhoto, passarás a humilhação de sujar os dedos de tinta.

Ninirataca ficou ainda mais feroz do que era e danou a perseguir Vanaçu e seus amigos, e seus familiares, e todos os moradores do lugar. Quando o Uirapuru Metaleiro pergunta a razão de sua fúria, Niniritaca esbraveja:

- Posso sujar as mãos de sangue. De tinta, tenho vergonha.

Niniritaca come ordens-do-dia, mas não consegue fazer sentido.

\* \* \*

Naquele tempo, Pirarucu, Sururucu e Carapicu resolveram dar um pulinho no Ministério da Cultura mode fazer reclamações. Por sorte, foram recebidos por Baiacu, que, inchado de orgulho pelo cargo que ocupava, não quis saber de papo furado:

- Vamo falar direto com o homi. Boa gente, pode crer!

Enquanto beliscavam umas broinhas, Sururucu tomou a palavra:

- Pois é, Seu Ministro. Toda hora a canalhada diz que seu ilustre nome é fresco em nosso terminal. É uma situação insustentável, que desmerece nossa fauna e achincalha seu sobrenome. Nosso amigo Baiacu também é alvo de gracejos semelhantes. Apelamos pra sua enorme sensibilidade em assuntos de cultura popular. Baixe uma Portaria qualquer que acêbe com esse... hum... rabo-de-foguete pra todos nós.

E foi assim, graças à interferência do ex-Ministro da Cultura, que os queixosos passaram a se chamar Piraruânus, Surucuânus e Carapiânus. Baiacu rebentou de raiva, um pouquinho antes da reforma procto-ortográfica.



# Sina

Era um sujeito grandalhão, desajeitado e com um nome desses que, embora simples, ninguém decora. Vinha de Campos pra uma casa de cômodos no Estácio. Temia o Estácio e as histórias de malandragem. Mais do que tudo tinha medo que descobrissem sua falta de assunto, seu permanente mal-estar diante das pessoas, seus gestos descontrolados que derrubavam jarros, derramavam copos, atingiam crianças. Passava pelas rodas reunidas na porta dos butecos com uma certeza massacrante da própria inferioridade. Pra ele, aqueles homens de cigarro no canto da boca sem se queimar, de programa de corrida de cavalos nas mãos ágeis, dedos sujos de giz de sinuca, bigodes cuidadosamente aparados, de olhares ávidos e experientes pra bunda das mulheres - aqueles homens eram heróis. Sentia diante deles a mesma timidez, o mesmo constrangimento, a mesma dor indecifrável que experimentara em sua cidade natal, ao ouvir as histórias do Seu Rocha, o ex-pracinha.

Nos butecos do Estácio todos eram, com certeza, ex-pracinhas. Só ele ainda não havia lutado sua grande guerra, só ele não tinha nada pra contar sobre as batalhas, só ele não havia feito as quase eternas camaradagens.

Muito pior do que se achar um merda, podem crer, era o terror do apelido. Porque aqueles caras espertos, cheios de chinfra, mais cedo ou mais tarde iam botar nele um apelido devastador, asfixiante, mortal.

Seu pânico o aproximou mais e mais dos recantos escuros dos bares vazios, onde bebericava uma cerveja, à espreita de alguma sacanagem, ouvidos atentos às evasivas de duplo sentido, torturado pelos risos às suas costas.

Um dia, na sexta cerva, ouviu uma frase sobre futebol:

- Valter Marciano foi dos nossos primeiros jogadores a brilhar na Itália.

Mancada é sempre comovente, ainda mais se o sujeito é vascaíno. Surpreso com a própria coragem, corrigiu o baixinho que chutara pra fora:

- Válter Marciano foi, de fato, um ídolo. Só que na Espanha. Morreu lá, num acidente de automóvel.

Foi olhado com espanto. Um mulato de óculos escuros disse que tava certo e perguntou se ele lembrava a linha de 56.

- Sabará, Livinho, Vavá, Válter e Pinga numa das últimas partidas, se não me engano. Sabará foi substituído por Lierte, com i. Não confundir com Laerte, que jogava no meio e era, por sua vez, substituído por Écio. Se não me engano.

Recebeu as homenagens a que boa memória tem direito: tira um queijinho, essa eu pago, também aprecia um rabo empinado?

Acabou convidado pra uma seresta, armação do grande Paulo Amarelo.

Foi pra casa, tomou banho, botou a roupa da missa. Não podia acreditar. O Amarelo era um mito. Amigo do Amadeu, Tião da Garagem, Ceceu Rico, Hélio Barbeiro, Beijo Louco...

Tentou ficar atrás de uma goiabeira no quintal do pagode, mas foi saudado com grandes berros de “chega pra cá e junta-te aos bons”. Quase chorou. Os primeiros copos deram uma força. Acabou cantando aquela, “Dentro d’alma dolorida trago um riso teu. A moça de olhos claros deixou cair o lenço. Um coroa resmungou: “Esse grandão é dos meus”.

A noite era uma criança e ele reinava. O baixinho do buteco pediu:

- Conta aquela defesa do Barbosa !

A catástrofe. Em plena ponte dos grandes braços pro canto esquerdo da meta, o safanão na gaiola do curió. O passarinho morto. A consternação do dono da casa.

Amadeu tacou-lhe um generoso cacete nas costas:

- Fica assim não. Isso acontece. Aí, minha gente, tristezas não pagam dívidas! Passemos à próxima atração! A seguir, ouviremos “Chão de Estrelas” na voz do nosso **Arrasa-Curió**.

O apelido. Para sempre.

# Histórias da Zona Norte

Acho o subúrbio mais criativo e interessante do que a Zona Sul. O sonho de status do sujeito que julga fazer um grande negócio, mudando de Vila Valqueire para a Duvivier implica num jogo de simulações e “finezas” sacais. Penso que a grossura suburbana é fundamental para que o Rio sobreviva com identidade própria, e não como periferia de Noviórqui, como deliram os deslumbrados.

Na minha infância, em Vila Isabel, éramos visitados por uma figura maravilhosa, o Ruço, mistura de faz-tudo e gozador. Ferrenho morador da Vila da Penha, subia no telhado para soltar pipa, agarrava no gol enquanto os meninos batiam séries intermináveis de pênaltis, contava histórias engraçadíssimas e tinha um hábito muito louvável e democrático: chamava todo mundo de Cagalhão.

Uns vinte anos depois, eu estava fantasiado de médico, numa enfermaria psiquiátrica de quarenta leitos e oitenta pacientes seminus. Me sentia importante. Haviam colocado em minha precoce careca uma auréola tipo “esse sujeito vai longe no ramo”. Eu trabalhava em ritmo de Chacrinha, estimulado pela retórica e pela ideologia do vai-para-o-trono-ou-não-vai.

Bom, um belo dia, minha mãe me telefonou e disse:

- O Ruço vai lá no hospital te procurar. Ele tem um amigo que acha o Simonsen o máximo.

- Ué, mãe, e daí? Qual é o problema?

Mamã esclareceu:

- Maluco, Aldir. Só pode ser pirado. Lelé da cuca.

- Ahn!

No dia seguinte, eu cintilava em meu jaleco rindo e cuspiando bobagens sobre esquizofrenia com outros sábios, na sala dos médicos. Bateram na porta. Era o enfermeiro, avisando que um senhor queria falar comigo, parece que era parente meu. Fiquei emocionado. O Ruço! Vinte anos depois! Como será que ele, humilde morador da Penha, me veria no pedestal de esculápio? Tomado por uma condescendência criminosa, respondi com voz olímpica:

- Deixa ele entrar, meu rapaz!

Instantes depois, antecipando-se vinte anos a uma gíria atual, Ruço enfiou a cabeça risonha e franca dentro daquele santuário de intelectuais progressistas e diagnosticou na mosca:

- Oi, Cagalhões. A mala tá aí fora.

\* \* \*

Essa vem diretamente do Bar da Maria:

Pinguço, como o apelido indica, vivia cheio de goró. Um dia, depois de uma dosagem maciça de pau-pereira com licor de ovo, teve uma dor terrível na barriga lá dele. Emborcado na serragem, gemia sem parar:

- Ai, ai, ai, parece uma barra de fogo, ai, ai...

Baiano, completamente de porre, levou o Pinguço pro

Pronto-Socorro do Andaraí, onde tu entra cajá e sai caqui. Dentro do táxi, Pinguço chiava firme:

- Ai, Baiano, parece uma barra de fogo...

- É natural, meu irmão. Você viveu de fogo, agora tem que agüentar a barra.

O atendimento de emergência foi o tumulto costumeiro. Por estar vestido de branco, Baiano fez parte da junta médica, e, por estar caneado, deu uma porção de palpites. Lá pelas tantas, um cirurgião

resmungou:

- É... laparotomia no coitado...

Baiano voltou arrasado pro boteco. Pra consternação geral, foi taxativo:

- Pinguço não tem a menor chance.

- Meu Deus!

- É. O caso é tão grave que um dos médicos cantou o Hino Nacional.

- Ah, Baiano, vá se ferrar!

-Juro! Ouvi direitinho: “O lábaro que ostentas estrelado...”.

\* \* \*

Guinga me contou a última de hoje:

Zé Bode, não por coincidência morador da ... Penha!, resolveu dar aula de educação sexual pros netos. Foi uma falação louca, entremeada de termos técnicos como “barquete” e “gualibão”. As crianças adoraram. A primeira aula teria sido um êxito retumbante se um dos meninos não tivesse criado caso:

- E a Roberta Close?

Zé Bode armou a retranca:

- Que qui tem?

- Dizem que era homem, fez uma operação e virou mulher.

Zé Bode continuou de libero:

- E daí?

O menino aplicou uma sucessão de dribles de fazer inveja ao Bebeto:

- Bom, é mulher agora, mas também era. Não é mais homem, mas antes também não era...

Zé Bode se encrespou:

- Era homem, tinha tarugo.

- Mas não usava!

Já vi situações assim no hospital. Diante de um impasse, o jeito é apelar pro cientificismo. Zé Bode não vendeu barato:

- A genitrolha não é de somenos dada a circunstância, ainda que hipotética, de descabelamento do palhaço. Outrossim, não se apresentava, logo abaixo do bombril, a perseguida. Muito pelo contrário, delineava-se ali, ainda que modesto, o cipó de aroeira.

A classe aplaudiu tamanha erudição, mas o menino tinha uma derradeira dúvida:

- Ela transa por onde?

Zé Bode cauteloso:

- Aparada a genitrolha, constituiu-se a genibrenha. É por ali.

- E antes?

- Antes o quê, porra?

- Antes, ora essa. Como é que ele, ou ela, fazia a coisa?

Com um suspiro de resignação, Zé Bode revelou o segredo:

- Através das partes caganentais.

## Zorro na Zorra

Minha madrinha não usava culhoneira coisíssima nenhuma! Pára com isso, seus detratores infames! Chamar aquelas finíssimas cuecas samba-canção de culhoneiras é um ultraje à memória da coroa.

Me lembro como se fosse hoje! Os meninos brincando de pica-pau, espécie de beisebol caboclo, e o Clóvis Pau-Pequeno, que era bonitinho mas ordinário, não acertava uma.

Minha madrinha, que gostava profundamente de criança mimada com ar de debilóide, disse pro Clóvis:

- Desse jeito você não vai marcar ponto nunca, filho. O simpático menino entrou em suruba mental, estado que seria, com o passar do tempo, cada vez mais freqüente:

- Ka'sóra faô, dinda? Tô munto suluba, munto suluba!

- Calma, querido! Em primeiro lugar, cachorra ou coisa parecida é a tua velha, tá? E pára com esse negócio de suluba. Com o bastão que você tem, sei não, mas acho melhor ficar fora dessas jogadas...

Clovinho voava:

- Batão? Batão? Munto suluba.

Minha madrinha, com toda a paciência, explicou pro aezinho:

- Cubatão é outra piada, filho. Ninguém aqui passou no cu batão. Só nos lábios... o que eu tô tentando te ensinar é que com esse pauzinho aí...

A verdade é que Dindinha tinha muitos inimigos. Quando chupava a espuma de cerveja aderida ao bigode, meus prezados, era pior que incêndio na capital paulista. Sei que fica meio escroto um afilhado dileto dizer que a madrinha ostentava bigodes, mas ela preferia assim. Uma vez, o Sardinha marchezou essa :

- Permita-me chamá-la também de madrinha! Sua dignidade floresce na razão direta do seu buço! Gente que brilha!

Dindinha entrou de peixinho no ovo esquerdo do Sardinha:

- Meu filho, tira essa boca mole do meu buço que eu to com corrimento. Vai babar a genitália de outro. Comigo, não. Gente que brilha é com o Dr. Paulo Roberto. Tu não tem gabarito. Vê se dá um tiro no coco.

Graças a esse estilo... hum... contundente, Waldyr Iapetec, em tarde de reminiscência, evocou-a entre suspiros:

- Emília era... era... era o general Figueiredo da Vila!

Na famosa crise de impotência do Lindauro, o “consolo” da coroa entrou com tudo:

- Isso passa, menino grande. O negócio é não desanimar e ir botando dobrado mesmo. Como disse aquele grande escritor: “Até os sinos dobram!”.

Deysinha, compenetrada (nem tanto) esposa do Lindauro, corrigiu, meio ressabiada:

- O certo é: “Por quem?”.

Minha madrinha não perdeu a ponta:

- Por quem é outro problema, filha. Eu ficaria caladinha sobre isso - pelo menos até endurecer, né? Às vezes, o que tá encolhido aqui, chega ali na esquina e desenrola na mão de outra com a maior facilidade, minha flor. A vida me ensinou que pinguelo é que nem fita métrica: cresce de acordo com o que vai medir. Lições de abismo...

Finíssima psicóloga, instrumentalizava (hi, hi, hi) segundo a particularidade de cada problema. Me lembro como se fosse hoje - lá vem bafo - de uma prima das Laranjeiras, a

Angélica, fresca como ela só, diante do minucioso jardim de vó Noêmia:

- Quisera ser uma crisálida entre essas flores!

E Dindinha, bem esportiva:

- Não dá, querida. O time das crisálidas tá completo. Mas ainda tem vaga pra estrume...

Generosa Dindinha! Em todos atochava uma palavra de conforto, uma fornida gentileza, um gualibão retórico.

Nutria, com cremes e loções, a ilusão de ser “bem-conservada”. Não admitia papo sobre o assunto. Com a lógica meio caduca dos que têm medo do espelho, considerava a velhice perigosa não porque existisse de fato, mas por ser produto da imaginação de agitadores mais jovens. Andrezza puro, né? Num dos seus aniversários de casamento, o Dr. Cecílio, Presidente do Iapetec, bostejou:

- A senhora é um paradigma para todos nós: envelhecer como quem cruza as águas do Amazonas a vau!

Abram alas pra minha madrinha:

- Tua mãe também merece pára-choques: envelheceu e ainda usa anágua na Zona na maior cara-de-pau!

Sinto um gelado frêmito de saudade! (Errata: não é bem isso. Acontece que entornei a caipirinha nas calças).

A derradeira lembrança que tenho de Dindinha: sentada, muito ereta, por distração, numa travessa de cuscuz que minha vó colocara um instantinho sobre o assento da poltrona favorita de Dindinha. Foi na festa de batizado do Marcelinho, filho terrível do não menos terrível Walcyrzinho. O pagode corria animado, mas um tal de Dr. Hora resolveu ir atrás do trio elétrico:

- Eu acho importante a sobriedade mística. Pra pensar, viver, andar de patins. Digo sempre pra Sílvia, minha esposa: vamos abrir nosso relacionamento sexual. Gibran estava certo: somos o arco.

E tome falação. Ninguém agüentava mais. Desprestigiado, Dr. Hora, que fazia análise didática, resolveu se arrancar. Minha madrinha acenou alegremente pra ele:

- Tchau, Zorro!

- Hora, madame, Dr. Hora.

O Rio amanheceu cantando com a resposta merecida:

- Prefiro te chamar de Zorro. Afinal de contas tu é mascarado, só trepa na Sílvia fazendo escândalo, metido a sóbrio e chegado a um arco. Quem sabe da tua vida é o Tonto...

# Até Morrer

Meu primeiro contato com a bola foi no saco. Dito assim, parece um fato biologicamente normal. E é mesmo, desde que o atingido pela bolada consiga recuperar a respiração e, claro, o saco para a prática do nobre esporte bretão.

A dor dessa primeira experiência futebolística despertou um traço ibero-masô, geneticamente explicável, em meu excelente caráter: como um espermatozói­de tresloucado, fui impelido em direção cruzmal-tina. Pois é, sou Vasco desde garotinho. Meu velho diz que um vascaíno sincero tem miolo mole ou é opaco feito uma calçada, sem nenhum trocadilho. Não me deterei no meu amor perverso pelo antigo Expresso da Vitória. O Japiassu, em memorável artigo pra revista Placar, escreveu uma frase definitiva sobre o Vasco: o time foi dirigido por um delegado quando deveriam chamar um padre. Gol!

Futebol é loucura. Em 1958, minha família estava empilhada em volta do rádio, um daqueles antigões. Todos, menos meu avô Alfredo. Ia começar a final Brasil X Suécia. Neguinho roía a unha, fumava, fazia promessa. Meu avô Alfredo balançava a cabeça, pensativo. Homem cordialíssimo, extremamente equilibrado, não conseguia entender aquela fissura. Fazia piadas pra descontrair a torcida pinei:

- Dona Nadyr com aquilo tudo dando sopa e esses caras fanatizados por marmanjos de calção...

A Suécia meteu o primeiro gol.

Meu pacato avô empalideceu, rasgou o Jornal do Comércio ao meio, atirou a fruteira bico-de-jaca no quadrinho “Deus abençoe este lar” e berrou:

- Perder pra como, jamais! Todo mundo sabe que sueco é manso e deixa beliscar a mulher dele, enquanto toma umazinha no cômodo.ao lado.

Se Vavá, o Leão da Copa, não tivesse empatado, eu, com onze anos, teria aprendido tudo sobre a vida sexual dos suecos. Quando o jogo terminou, 5X2 pra nós, tentei ampliar minha cultura sobre deixar beliscar e outros temas fascinantes, mas vovô Alfredo foi categórico:

- Eles perderam de 5, Aldir. Logo, devemos concluir que são excelentes anfitriões, gente culta e civilizada. Não se fala mais no assunto. Brasil!!!

Essa capacidade de transtornar cucas certinhas - acho que diríamos, hoje, esse dom de levar caretas a transgredir - é que me faz permanecer um apaixonado por futebol, apesar de toda corrupção, resultados decepcionantes, decadência da técnica, desaparecimento do virtuose (a ascensão do açougueiro), violência, violência, violência e a dor, suavizada pela recordação dos dribles imortais, de não ver outro Garrincha. Mas hei de torcer!

Hei de torcer porque conheci um bebum que apelidou a própria amásia de Paulo Isidoro: “Ela dormia na ponta, mas embolava pelo meio”. Hei de torcer porque o ponta-esquerda do “Artistas da Rua Futebol e Regatas” era bicha e a escalação do ataque ficou: Iapetec, Sorvete, Lindauro, Gogó-de-Ouro e Viveca Lindfors. Hei de torcer porque também são vascaínos: Ceceu Rico, Paulo Amarelo, Guinga, Martinho da Vila, Nei Lopes, Paulinho da Viola, Edu Lobo e Sérgio Cabral. Hei de torcer porque quando o Amarildo enfiou aquele gol na Espanha, em 66, tia Nicinha jogou o rosário pro alto, foi pro piano e tocou o Hino à Bandeira. Hei de torcer porque no gol de empate do Clodoaldo, contra o Uruguai, em 70, meu tio Placidino, um cientista de renome internacional em aerofotogrametria, atirou uma gaiola de periquito no teto de um aero-willys aos gritos de “conheceu, Obdúlio?”. Héi de torcer porque minha filha Mariana, por causa do cretino do Paulo Rossi, chorou muito ao ver os garotos apagando os desenhos dos

nossos craques em muros e paredes, num ato impressionante de vingança coletiva. Hei de torcer porque não resta outra alternativa. Torcer dá samba.

A paixão. Erà época do rádio spica. Todo mundo tinha um. Cada transeunte zumbia como um besouro. De madrugada, tocaram a campainha da velha casa da Rua dos Artistas. O Lindolfo havia morrido. Vó Noêmia fez uns trinta sanduíches de carne assada, os homens encheram vidros vazios de eparema com traçado e partimos pro velório. Na saída, alguém lembrou:

- Cadê o rádio? Hoje tem Vasco x Botafogo.

Mas, aparentemente, ninguém se atreveu a levar. A mulher do Lindolfo, Dona Marcelina, era tão séria que já estava de luto muitos dias antes da morte do marido. Amanheceu um domingo de comemorar com batida de maracujá.

Naquele tempo, o jogo começava às três e quinze da tarde. Os enterros saíam por volta das cinco.

No Caju, a viúva parecia de granito. Luto fechado, um buço que deve ter influenciado o Samey, cabelos cinzentos cobertos por um lenço negro, leque também negro fechado nas mãos em garra, uma viúva de Lorca.

Waldir Iapetec, com seu faro inigualável, descobriu um buteco nas imediações com rabadá e cervejotas superlampticamente geladas. Mandaram arrebite. Mais ou menos na hora da peleja começar, Ceceu Rico, cheio de goró, lavando a cabeça com azeite Galo e botando aristolino na maionese, sacou um radinho do bolso das acumuladas. O Iapetec riu:

- Sabia que tu não ia agüentar.

- Tenho minha reputação. Não quero que digam: Ceceu Rico deu balda com medo de viúva.

O pessoal ficou ouvindo o jogo no tal do buteco. De vez em quando, um batedor partia pro front do velório. E tome chá-de-macaco. O clima de jogo aumentava a vontade de biritar. Um zero a zero cheio de lances dramáticos. Faltando uns quinze minutos pro fim do segundo tempo, pressão do Vasco, meu avô Aguiar apareceu, deu um tapa de bagaceira nos beiços, e avisou, com toda cortesia de seus quase dois metros de cutucro nascido em Póvoa do Varzim.

- Vamo pagar a conta que o palhaço de saias chegou pra encomendar o corpo. Ceceu, enfia o rádio na ombreira do paletó e finge que tá com torcicolo, meningite, um troço desses.

Provavelmente sentindo a exuberância dos'bafos, a viúva lançou a todos um olhar assassino. O padre, com a batina salpicada de proverbial caspa, começou a arenga:

- Nosso irmão Lindolfo já não está no estádio, digo, no mundo. Encontra-se na Glória!

O Iapetec sussurrou:

- Provavelmente na taberna. Ele adorava.

Olhar rambo-rocky da viúva em nossa direção. Vários gulps e pigarros.

- Bem-aventurados aqueles...

Nesse instante, Ceceu captou no radinho uma investida vascaína:

- Lá vai o Vasco! Bola pra Walter Marciano na entrada da área! Driblou o primeiro, driblou o segundo, vai marcar...

O desgraçado do radinho ficou mudo. Desesperado, Ceceu catucou os botões pra baixo e pra cima. Nada. Teria sido a pilha? Ceceu sentou a porrada no spika, método quase infalível para engenhocas enguiçadas, e uma palavra, altíssima, como que irradiada pela sublime voz do Todo-Poderoso, elevou-se na capela:

- PÊNALTI!

Ceceu abaixou de um golpe todo o volume. Um silêncio aterrador. Possessa, a viúva urrou:

- Contra quem? Pênalti contra quem? Aumenta, babaca!

À beira de uma de suas famosas crises de asma, Ceceu estertorou:

- Pênalti contra o Botafogo.



A viúva tava comandando o tradicional corinho de “casaca, casaca, casaca - saca-saca...”, quando o padre abandonou o recinto.

Meu avô gritou:

- Hei, seu padre! Volta aqui! Futebol enlouquece qualquer um! Não foi desrespeito, não.

Sintam a resposta do padreco:

- Aqui, ó! Eu sei que não foi desrespeito. Foi roubo no duro! Tô farto de ver o Vasco vencer com gol de pênalti no último minuto. Vão todos pros quintos dos infernos. Ladrões!

Mas seus protestos foram abafados pelos gritos de gol e pelo espetacular choro da viúva. De alegria.

Eu falei no começo que não ia mais entrar em águas vascaínas, não foi? Pois não resisti. Futebol é isso - incoerência, farsa, delírio. Por essas e outras é que hei de torcer, hei de torcer até morrer. A torcida brasileira é toda assim, a começar por mim.

## A Copa e a Cópula

Bar da Maria, tarde I d.C. (depois da Copa). Ligeira depressão, aliviada pelas cervejinhas. Feito esses lenços que mágico vagabundo tira da cartola, uma historinha de casamento em crise puxava outra. Baiano resumiu o clima:

- A dimensão da crise num casamento pode ser medida pela resposta que seu Ernesto deu pra carametade.

Môa suspirou:

- De novo ?

Entende-se a falta de saco do Môa. É a pentelhésima vez que o Baiano conta esse troço, uma espécie de carro-chefe dele. Mas vale a pena ver de novo. A mulher do seu Ernesto fez uma sopa e perguntou ao marido, sujeito extremamente malhumorado, se ele queria um pouco. Recebeu como resposta um resmungo de assentimento. Na ânsia de agradar a pobrezinha fez a pergunta fatal : “Quer no prato?”.

Seu Ernesto virou a boca de bazuca na direção da infeliz e não perdoou :

- Não. Quero no prato não. Joga no chão e vem varrendo.

Rimos pra não perder o amigo. Mas a história teve um efeito colateral. O Cascudo, um rapaz mineiro que só toma/a genebra e jamais abria a boca pra falar de si mesmo, fitou o pôster do Vasco e desfiou o seu drama, de mansinho:

- Minha senhora vivia reclamando que a vida andava sem graça. Chorava pelos canto. Tinha uma dor de cabeça braba. Eu não sabia o que fazer. Ela descascava as batata gemeno de dar dó. Me olhava com os óio cheio de lágrima e dizia que nossa vidinha no dia-a-dia estava isfriando a paixão, arruinando o romantismo dos tempo de namoro. Quando o Brasil perdeu pra Argentina resolvi virar a mesa. Tomei uma canjibrina extra aqui na Maria, e fui pra casa antis da hora bitual. Miti a chave na fechadura e girei bem divagá.

Entrei em casa na pontinha dos pé. Ela tava no quarto, sentada na cama só com a parte de cima do beibidor, mexendo na caixa de custura. Aquele misto de trem doméstico e nudez buliu comigo, atiçou meus brio. Olhei os cabelo dela começano a ficar grisáio, as coxa mais grossa por causa de um aumentim de peso, os óculo meia-taça incluíbrado na ponta do nariz... Fiquei doidim. Ela sentiu minha presença, se assustou, começou a se levantar, mas eu dei um impurrão nos peito dela, joguei ela na cama, rasguei de cima baixo a brusa de um puxão só e pulei em cima dela que nem um gato. Ela gritou com uma voz que eu não cunhecia, uma coisa forte, doida. Tentou falar alguma coisa, mas eu tapei a boca dela anssim ó cum u travissêro e mandei ferro. Me senti um deus grego. Quanto mais ela tentava se sortá, mais eu abafava a cara dela gritano:

-É isso que tu queria? Tá gostano? É por causa da minha vara macha que tu tá rebolano des’jeito, é?

E refresquei um pouco a pressão no travesseiro pra ouvir a resposta dela. Uma voz de gelo me disse

- Tô rebolano des’jeito porque tem alfinete demais da conta ispetado na minha bunda, só!

## Reservistas Morais

É a lama, é a lama.

Tom Jobim é profeta mesmo. Sua simplicidade, charuto, chopinho e chapéu de palha lavam nossa alma. Chega- de gnomos, duendes, magos, bruxos, parafernália fascista, capuzes da KKK e outras babaquices que acabam em assassinatos de crianças.

Em matéria da fantasia de mau gosto, sou muito mais o Clóvis Bornay: admite que isso é coisa de viado e não perde o humor .

Tentando manter a cabeça fora do oceano de dejetos que ameaça nos engolfar, procuro descobrir nossas verdadeiras reservas morais.

A “revolução” de 64 extrapolou em declaratrolhas moralizantes de generais esclerosados. Deu no que deu: torturas nos porões, contrabando, tráfico, contravenção, mamatas e assassinatos - um regime que caiu de podre.

Na zona mística, temos FreiDamião, Irmã Dulce, Padim Ciço e Enoli Lara.

De repente me ocorre a existência de um último baluarte, pelo rigor de suas convicções, pela batalha quase diária para não ceder às tentações avassaladoras, pelo sofrimento atroz gerado por sua probidade. Refiro-me ao massagista de Vera Fischer.

O atual é Odirley Matsubara, nipo-madureirense e asceta. Sim, porque pra dar massagem em Vera Fischer ou o sujeito é asceta ou tem uma crise convulsiva.

Por meio de meu amigo Baiano, que bebe num pé-sujo com Filipe Camargo, descobri o telefone desse herói do nosso tempo. Depois de engolir um Lorax, marquei sessão de massagem, pretextando o acidente que sofri em 1992.

Quando vi Odirley no olho mágico, sem sacanagem, quase chorei. Um santo. Aquela resignação, olhos macerados por noites mal dormidas, a profusão de tiques. Céus, tudo indicava um homem submetido a pressões quase insuportáveis.

Falei do tempo, das CPIs, dos CPFs falsos, de suborno, corrupção, propinas - do trivial variado em nossa pátria. Quando o suburjapa abriu a guarda, sibilei:

- Você também é massagista da VeraÉ

O cara começou á trepidar como se a falha de Santo Andreas tivesse chegado à Tijuca. Seus olhos se encheram de lágrimas e ouvi o mais doloroso suspiro de todos os tempos. Nem Collor, quando sentiu a recueta da cunhada, suspirou assim.

Contei a Odirley minha vida sexual, chorei, gemi, implorei. Eu queria ver uma vezinha só. Minha exaltação fez com que ele compreendesse o essencial: estávamos ligados por carma semelhante; éramos almas torturadas pelo mesmo drama.

Na massagem seguinte, eu e o Bara nos sentíamos como amigos de infância. Ele telefonou pra Vera, disse que estava gripado mas que fazia questão de recomendar um substituto de toda a confiança: Seishonoêi Blanc.

Daquele dia fatídico, só me lembro do momento em que me vi a sós com Vera Fischer: Vera, védica, vereda, o Grande Canyon de bruços, coberto por uma toalhinha exígua. Ela me olhou, muito séria, e disse: “Oi”.

Acordei na UTI do Miguel Couto.

Hoje, eu e meu amigo formamos a dupla sertaneja Matsubara e Sheishonoêi. Estamos em fase de ensaios. Restringimos nossas apresentações à Aemvefa (Associação de Ex-Massagistas da Vera Fischer Anônimos). Ficamos lá, cantando, entoando preces, dando força aos outros quase dois mil sócios que tentam vencer a atração fatal. De tardinha, dirigimo-nos em fila indiana para a sede de outra agremiação, a Paquifica (Palhaços Que Invejam Filipe Camargo). É pertinho.

# Desclassificados

- 1. Minha vida de cachorro** - Tenho bassês, dobermans, galgos, cokers e dois ou três vira-latas para sua inteira satisfação na cadeirinha sem fundos. O são-bernardo não quer participar por motivos religiosos e vai ficar sem Papita.
- 2. A escorregadia alpina** - Loura cremosa, corpinho de garota todo untado de margarina. Venha ficar preso no elevador comigo. Elevador enguiçado dá uma vontade de comer Alpina, não dá? Atendo domic., hotéis, motéis, Sendas, Paes Mendonça e demais tendinhas.
- 3. Zuleica e seu acordeón** - Páginas imortais de nosso cancionista. Relax e bom-gosto. Pagamento cash na mão de meu digno esposo, Dr. Acordeón Tavares, o Mágico de Ozzzz... waldo Cruz!
- 4. Kirie eleison** - Núncio Apostólico aposentado, mas com a bundinha bem arrebitada, fogoso, tudo nos lugares santos. Venha comungar comigo a divina lambada. Fé no Sumaré.
- 5. Corneteiros em fogo** - Se você tem problemas de embocadura, não relute em procurar-nos. Ambiente discreto para seu lazer. Venha acampar conosco após o toque de recolher. Batalhão de Guarda.
- 6. Sereia rejeitada** - Não fui aproveitada na minissérie sobre o canto de minhas irmãs porque meu rabo tem algumas polegadas a mais, tal como a Marta Rocha, a eterna miss Brasil. Afie o arpão em minhas escamas e fique enfeitiçado com meu canto: "Óóóóóóaaaaaaaiiiiiikhoouurr. Desculpe. Tô um pouquinho rouca. Contatos em F. de Noronha ou F. Mesquita.
- 7. Bérqamo** - Sou um tremendo armário, mas sua mala, com bastante cuspe e jeito, cabe direitinho em meus compartimentos. Venha conferir em uma de nossas filiais.
- 8. Antigo da onça** - Chileno foragido e radicado em Itaboraí, ideal para swing, tango, chácháchá e outros ritmos fora de moda. Por uma babinha a mais, se veste de coroinha sonso ou de la Violetera. Barra da Tijuca.
- 10. Gueixa oriental** - Venha e comprove que meus grandes lábios fazem bilu-bilu no corrimão. Banhos típicos, massagens, do-in, tai-chi-chuan, xo-ta, Ku-shai-shang e, caso meu samurai apareça voltando de viagem, harakiri e kakerada na kara. Banzai.
- 11. Turquinho tímido** - Eu zer munto zenzual mas ter vergonhe do minha ligerro zutaque. Mas, zuperadas inibizons iniziaiz, convisco teu popanza bra eu. Dou joque orto e heterodoxo. Eu fazo gontrato com teu risco mas tiro o meu do reta.
- 12. Garanhão sindical** - Nós conseguiu chegar a Ministro e tudo fazeremos para não ser reconhecido. Assim como cafetão de gravata não é capitão de fragata, Ministério do Trabalho também não é climatério do caralho. Puxa, essa quase me traiu-me. Rasgo catálogo telefônico e posso ser mais sem escrúpulos que a Febraban.
- 13. Pequenos cantores da Guanabara** - Já estão grandinhos e bem-dotados. Experimentem nosso sarau de loucuras, sexo oral com trinados, gorjeios e solfejos. Inesquecível imitação de pássaros no cio. Oferecemos também Curso de Introdução à Batuta do Maestro Isaac Karabitchevski. Não tenha dó de si e venha dar ré lá com a gente. Não querendo, vá fá. Caixa Postal FUC/69.
- 14. Virgem elétrica** - cpo, vdo, tco fin Telerj carnê pref pufqq linha est quit Pabx telex hiiii, meu Deus, é primeira vez que eu faço isso. Errei tudo. Esquece.
- 15. Imelda filipina** - Se você está a fim de fazer melda grossa, procure a Imelda. Toda a sem-vergonhice da verdadeira rainha da sucata ao seu alcance. Só pra olhar. Meu patrimônio é imexível. Canalhice e podridão only for your eyes. Mais sujos do que eu só os tribunais que me absolvem. USA.

**16. letrista careca** - Letrista carinhoso, fica inventando desclassificados, enquanto você não sai do trabalho. Venha sentar em cima da minha Olivetti Lettera. Muda. Rio.

# Feira de Amostra

Algumas tiradas do Waldyr Iapetec, regadas a cervejinhas, durante o tradicional banho de mangueira, must aqui da Muda:

- Bebia muito. Desde rapaz. A mãe tinha um desgosto... A coisa piorou com o casamento. Aliás, que qui não piora com o casamento, né? Tenho um amigo, o Guilherme, que chama o casamento de “mutilação branca”. Bonito paca. Mas eu tava dizendo que o rapaz piorou depois da lua-de-mel. Ele fazia a barba e dizia pra mulher: “Quando eu morrer, Biluca, tu não vai conseguir olhar nesse espelho. Eu vou aparecer lá no fundo, todo podre”. Acontece que a mulher empacotou na frente dele. Morou? Tatão nunca mais se olhou naquele espelho. Cobriu com um lençol...

\* \* \*

É, não é bem como dizem. Os namorados de antigamente eram meio como esse tal de Tieppo, quer dizer, tiravam onda de inocente mas mandavam ver na caixa dois. A família disfarçava. Teatro puro. Toda família, do Leblon até Gardênia Azul, espelha a política brasileira: só fachada. Eu era noivo e a sogrinha marcava por zona. Eu nem encostava. Aí, a própria sogrinha sugeria: “Meu bem, toca o Despertar da Montanha”.

E saía da sala, tranqüilizada pela cascata de acordes. Eu aproveitava pra pegar nos peitinhos. Nervosa, Cicinha começava a errar tudo. Mais tarde, tricô na mão, a sogrinha comentava: “Tocaste mal hoje, querida!”. A Emília olhava pro teto, chupava a eterna espuma de cerveja do buço e puxava o pino: “É porque ele é que tocou bem. Ela sô fez o acompanhamento”. Bons tempos. Pode parecer exagero. Mas até hoje fico de barraca armada ouvindo o Despertar da Montanha: lá-rará...

\* \* \*

- É tinha loucura pelo garoto. Em qualquer passeio besta, se comportava como um cicerone: “E ali temos a falsa magra. Que lorto, hein, herdeiro? Não dá pra desconfiar, né? Tu precisa ver isso tudo numa cama. Monumento. Presta atenção no peitinho daquela que vem lá: aposto que é o clássico modelo pêra. Sabe qual é a vantagem do peito pequeno? Cabe na boca. Tem que prestigiar as moça, herdeiro. Não pode deixar passar sem uma homenagem”. O garoto deve ter entendido mal. Como se diz agora, não pegou o espírito da coisa. No dia do aniversário do pai, foi flagrado bordando uma faixa: “A Favorita da Marinha”. Tinha entrado pro fa-club da Emilinha Borba. O velho nunca mais se aprumou direito, mas manteve a moral. Se alguém tocava no assunto, dava uma escarrada no chão do buteco: “Antes isso do que ser coroinha. Detesto gente carola”.

\* \* \*

- Havia mais educação. Dona Noêmia e Dona Otília batiam boca, uma janela em frente da outra, troço de fazer folha de oiti cair mais cedo. Mas se em plena batalha a outra tivesse a falada crise de asma, Dona Noêmia cessava fogo e mandava a Maria Luíza atravessar correndo a Rua dos Artistas com a bombinha de Dyspné-Inhal do Ceceu Rico. Chupava um rebuçado e esperava Dona Otília se refazer. Quando o fole da outra parava de assoviar, Dona Noêmia perguntava: “Melhorou?” Dona Otfliá, muito

digna, concordava com um aceno de cabeça e, por sua vez, mandava a empregada atravessar a rua com um cafezinho. Fazia quetão de perguntar se tava bom de açúcar. Dona Noêmia agradecia, devolvia a xicrinha e o pau quebrava de novo, sua vaca pra cá, e é a tua pra lá. Havia mais educação, ora se havia.

- Por exemplo, os comos. Mais distintos. Eram notados apenas pelos olhos de São Sebastião Flechado. Não eram exibidos feito os de hoje. Acho que é assumido que de diz, né? Os de antigamente eram mais românticos, tentavam o suicídio, tinham a gentileza de beber em mesa separada no but eco (só pra gente poder olhar pra eles e sacudir a cabeça com lástima). A gente passava por eles com cara de quem vê avestruz no zoológico, sacumé? Dizem que o bicho enterra a cabeça, dá soco e tal, mas ninguém viu a Conceição subir, né? Só é olhado porque fica perto da girafa. Dessa todo mundo gosta. O como de antigamente ficava meio perdidão nas festas. Como se houvesse um aviso invisível: não dê comida aos cornos.

\* \* \*

- O Ruço bolinava uma filha de criação do seu Aguiar. O velho era invocadíssimo mas nunca desconfiou. Uma noite, Ruço tava no quintal sozinho, fazendo balão, tirando goiaba pra fazer doce, consertando o galinheiro... mania de guardar prego na boca, engoliu um. Entrou em casa branco, tremendo de medo, quase sem poder falar. Justo nesse dia em que o aprendiz de faquir tava inocente, o seu Aguiar ficou possesso: “Cadê a Irene? Alguma esse malandro fez. Pra tá com essa cara... Irene! “A moça apareceu atarantada, levou uma esculhambação, gaguejou um não fiz nada e recebeu um sonsa! pela proa. No embalo o coroa tentou dar um safanão no Ruço. Dona Noêmia interferiu: “Cê não tem pena de quem acaba de engolir um prego?” O velho botou a mão no 38: “E a minha casa é lugar de engolir prego? Fossem prum rendez-vous”. Me admiro você, Noêmia!” Ceceu Rico chegou de mansinho, com o resultado do bicho na mão e explicou: “quem engoliu o prego foi ele”. Seu Aguiar franziu a sombrancelha, olhou pra cara do Ruço, comentou que era o fim da civilização ocidental e foi pro quarto 1er gibi.



# Uma Lição de Moral

Meu amigo Baiano me pede que eu declare seu nome de batismo. Isso porque, segundo o Baiano, a rapaziada da terra dele não acredita que a gente bebe junto no Bar da Maria.

- ‘Xá-de-sê mintiroso, seu minino. Tu bebe cum Valdimir Branquis nada, ô xente!

Tá legal, Baiano. Alô, Nordeste! Atenção, Agreste Sertão, Cerrado, Caatinga, Coqueirais e Mandacurus! O nome do Baiano é Wilson Flora! E, só pra não perder a viagem Valdimir Branquis é o cacete!

Tudo isso é pra dizer que Baiano inventou uma explicação muito original sobre os motivos que podem levar um senador a mandar matar um sargento comilão, sujeitando a digníssima esposa a um vexame nacional. É claro que tudo não passa de especulação e qualquer semelhança com vivos e mortos do Brasil de hoje é mera coincidência.

- Cê vê, Blanc: se o cara tivesse ficado boneco e não chiasse, ou se tivesse dado apenas ligeira aparadinha nos chifres, umas bolachas e coisa e tal, o negócio não extrapolava. Ora, pra virar suruba nacional, só tem uma explicação plausível...

Bom contador de história, Baiano acende uma cigarrilha e assume um arzinho altivo, coisa de Sherlock Holmes caboclo.

- Homem acostumado ao poder, o marido pirou por motivos concernentes à etiqueta e não necessariamente afeitos à esfera sexual!

Tem horas que o Baiano enche o saco, né?

- Pegou o espírito da coisa, Blanc?

- Ainda não.

- Pois eu vou reconstituir o crime pra você entender a jogada.

- Obrigado, Wilson.

- Disponha. Me acompanhe: o senador chega em casa mais cedo e grita: Queriidaaaa!

- Hum-hum.

-Que resposta obtém? Nenhuma. Do quarto chega uns gemidinhos abafados, ai, ui, tira, bota, esses fundamentos. Que faz o senador?

- Puxa a parábélum.

- Nãozinho.

- Trinca a peixeira e parte pra cima.

-Never! Homem habituado aos meandros do poder, o senador fica frio e vai investigar a questão. Entra no quarto e dá de cara com o sargento, ou patente próxima, mais atochado na senhora dele que camarão em vatapá. Que atitude toma o senador?

- Sei lá, pô. Explode o cômodo.

- Nunca, jamais, em tempo algum. Íntimo dos acidentes do poder, o senador delibera, tenta o debate, o que eles mesmo chamam de um “amplo entendimento”. Diz pro rapaz: “Mas logo você, que não tinha onde cair morto e a quem tanto ajudei?” E virando o foco pra cara-metade: “Será possível o que meus olhos vêem?”

- Ah, Baiano, qualé?

- E o casal? Que reação tem o casal, diante desse exemplo de moderação?

- Bom, envergonhados, os dois se cobrem e...

- Errou de novo. O casal continua no vapt-vupt. Aí, sim, o senador, sentindo-se agredido na investidura do seu poder, perde as estribeiras. Porque um dos lemas do poder é: querem prevaricar, prevariquem, mas com muito respeito.

# Cenas Cariocas

## Cena carioca -I

- Pai, essas passarelas servem pra quê?
- Ver acidente de cima.
- E a gente tem que pagar entrada?
- Não. O atropelado é que paga pra morrer: ISS, INPS, FGTS...

Eu estava de ressaca e minha filha preferiu encerrar o assunto. Pus-me a cantarolar trechos de “O Rio amanheceu sangrando...” prefiro paródias malpassadas a, por exemplo, com Afif a fé afunda o fi-ofó.

Moro na Muda. Todo dia tem foguetório nos morros. A criançada já sabe: chegou o bregueti ou estão queimando alguém. Medelin é aqui.

Um impasse brabo, mais ou menos o seguinte: se pessoas ligadas à tortura comandam (ui!) a maior festa popular do mundo, well, é melhor lançar logo a campanha Tarado-Esperança e leiloar as Paquitas, sob a chancela daquele pedófilo da Unicef que, vendo a imoralidade ganhar terreno, suspirou:

- Deixai... Id-Amin as criancinhas...

O Haiti é aqui. No alto do Juramento, o cachorro Surtão, com a túbica do Mengele entre os dentes, observa a noiva do megaespeculador durante a compra de um quilo do branco.

- Uau! - Vibra a moça.

Surtão larga o osso e comenta com o leitão Dondinho:

- A diferença entre os cachorros e as moças da nossa melhor sociedade, Dinho, é que o latido delas tem um u a mais...

## Cena carioca -II

No meio das barracas tem a moça morta. Podem apostar que, à exceção de um ou outro parente, vamos esquecer esse acontecimento na vida de nossas retinas tão fatigadas. Não temos, é pena, a memória do poeta.

Ridículo transformar o pivete Maguinho, que nada tem de seu, a não ser o calção e o revólver, num Al Capone de Xou da Xuxa, num micro Cara-de-Cavalo, num pequeno Ministro da Indústria e Comércio.

Quem armou o garoto? Mãos semelhantes às das pessoas, justamente indignadas ou não, que pensam em subir o morro e dar porrada. Mais porrada? E o que, depois? Arame farpado, holofotes, quem sabe os fornos?

Não falei em pastores alemães porque já temos os nossos, latindo e vendendo candidaturas com a Bíblia na mão.

A África do Sul é aqui.

O verão tem chegado assim: corpos rolando na enxurrada, mestres-salas assassinados nos ensaios, barcos afundando enquanto comodoros comodistas não largam a taça pra prestar socorro, mortes na praia...

O Haiti é aqui.

Pra quem viver: verão. Gostaríamos que a alegria reinasse. Qual é a saída? Votar no Bozo?

No meio das barracas tem a moça morta.

### **Cena carioca -III**

Tem uma hora em que o militante, o conservador, o acomodado, o sectário, o fanático, o xiita, juntos, chegam lá. É quando passa a carioca. Slogans perdem feio pras verdades eternas:

- Se verde é assim, que dirá madura...
- A nora que mamãe pediu a Deus...
- Eu me afifava todo nessas covas...

O trânsito engarrafa, a apuração é outra, ministros corruptos vibram com a lisura das voltas redondas. Vale todo tipo de aliciamento. Não há penas previstas - a não ser, depois, saudade e porre.

Os baixinhos são os mais hipócritas. Pertencem à Tradicional Família Mineira: fingem que não vêem, mas são os que mais pensam bobagem.

Diante do valor da cauda levantada, Surtão abana, modestamente, a dele.

E cabe aqui um instante de profunda reflexão: quantos votamos, no último momento, atados por qualquer temor obscuro, levados por algum preconceito latente, visando vantagens pessoais?

Ninguém pode dizer isso da moça que passa.

Ela não tem rabo preso. Muito pelo contrário...

### **Cena carioca -IV**

Guinga me contou a história de um temível bandido, lá pros lados de Cascadura, que desmunhecava com uns goles de pau-pereira. Aos capangas que, no maior grilo, topavam o sacrifício, pedia:

- Faz isso comigo não.

Se os caras, acovardados, ameaçassem parar, gemia:

- Faz isso comigo não.

Igualzinho o caso do morenaço da Saúde, esposa do Francês. Salta de carros diferentes na esquina, é o assunto das comadres invejosas. O marido ameaça matá-la em defesa da honra. Ela, teatral, implora:

- Faz isso comigo não.

E ele, com ligeiro sotaque:

- Ton ce non fé-mé-ziss comig non.

Lágrimas. Reconciliação. Até a próxima sexta.

Assim também ama e padece a classe média carioca.

Tomando emprestada a idéia-ensaio de Wilson Coutinho, Papai Brizola se lamenta com ares de Rigoletto. Tio Covas, vivido e elegante, fuma seu cachimbo. Ela, tadinha, não sabe se dá pro playboy de moto ou pro tomeiro-mecânico de sandália havaiana.

Vai doer de qualquer maneira.

E só restará a ela, com a cenoura firmemente entalada, suplicar a uns e outros, enquanto revira os olhinhos:

- Faz isso comigo não...

### **Cena carioca - V**

O Lan tem razão. A esquerda carioca está a postos. Pronta pra votar. A cervejinha tá gelando, o estoque de engove foi feito, cavacos afinados, surdos e tamborins tinindo.

Alô, alô, Brasil! Nos Postos 1,2,3 a esquerda carioca está a postos! Do Cacique de Ramos ao Simpatia é Quase Amor, olê-olê-olê-olá, estamos prontos.

A enfermeira Miriam Cordeiro diz que sofreu nas mãos do Lula. De graça. Pra sofrer nas mãos do Collor, cobrou duzentos mil. Sinceramente, Miriam: com esses preços, você nunca chegará a ser uma estrela.

Caso o Collor vença, a esquerda carioca continuará a postos: nos Postos 1, 2, 3...

Em resumo, a vitória colleira não é problema. Não pode é chover!

Corre nas bocas da reação que o Lula, instado a formar uma frase com o verbo hospedar, teria dito:

- Os pedar da bicicleta é de plástico.

Tá. Muito pior fez o Mário Amato. Convidado a utilizar o adjetivo hostil num discurso, sapecou:

- Por cima dos avião tem as nuvem e os til.

## **Cena carioca - VI**

Aberta a temporada de surf. Quando sua porta for arrancada pelas águas, suba nela e vá em frente.

As mentiras das otoridades disparam junto com o índice pluviométrico. Tremenda falta de vergonha na cara.

Chuva é flecha em São Sebastião.

Equipe de Collor contratará Carioquinha e Hortência para arremessar de três pontos os pobres na cesta básica.

À exceção dos assassinos na cobertura de milhões de dólares, somos todos ianomâmis. Não teremos tempo de ver o champã sendo aberto nas comemorações oficiais pela chegada da hiperinflação. Índio seqüestrado não vale o esforço. Açúcar no pão dos trouxas? Nem pensar. O bispo talvez chegue a tempo de ministrar a extrema-unção.

O Panamá é aqui. As Ilhas Seicheles, shei lá.

Em todo caso, prosseguem as investigações. Investigação sempre engrossa no couro de quem é pobre. Novos dados: a menina alcançada, no balanço, pela bala perdida, tentou tomar La tablada. É líbia de nascimento e foi identificada por testemunhas idôneas como sendo o elemento pardo, forte, de boné, que matou Mariel. Só não foi acusada de torturadora porque, como até o Ministro do Exército sabe, não houve tortura no Brasil.

A polícia concluiu que Mengele, para desespero do Comando Aeroterrestre do Carnaval Zoológico, saiu durante muitos anos de baiana na Imperatriz Leopoldinense, lavava roupa pra fora e era conhecido como Dona Iaiá de Omulu.

Esses nazistas...

## **Cena carioca - VII**

As ruas da Tijuca, apesar de muito poluídas, até que não são desagradáveis para a prática do jogging, cooper, operação pega-ladrão, etc... O que atrapalha um pouco são as

granadas. Mas, diante das declarações do Ministro da Justiça sobre a terra dos yanomâmis, granada, convenhamos, é café pequeno. A profissão do jovem que, na pena do Lan, se manda com a bolsa, foi reconhecida oficialmente pela Presidência da República. Haja déficit público. A categoria dos gatunos, descuidistas e técnicos em balão apagado estuda projeto de formação de quadrilha paralela, com representante no Conselho Nacional de Economia.

Orgulho-me de conhecer um pouquinho a turma da remota batucada, os olhos verdes da mulata, cismadores e fatais. Não me surpreendo com o fato dos contratos de edição musical valerem por mais 60 anos após a morte do autor. Nem mesmo o Robertão dando-para-receber me assusta. Mas juro que nunca imaginei, por mais nefandos que sejam meus pensamentos, por imundas que se revelem minhas elocubrações, repito, nunca imaginei ouvir do Ministro da Justiça uma frase do tipo:

- Era ilegal até ontem. Hoje, tendo saído no Diário Oficial, não é mais.

Ou seja: aqueles índios esqueléticos, aquelas crianças perebentas dependuradas em seios murchos, todas aquelas mortes constituem ajuste fiscal. Uma espécie de queima de arquivo, entende?

Baiano tem um amigo na Ilha do Governador, o Xumbrega, que saiu, às seis da matina, pra comprar siris e caranguejos. Motivo: desejo de mulher grávida. Desejo e pressa.

- Eu quero comer os bichinhos no almoço, tá?

Xumbrega resmungou um deixa comigo. E voltou às oito. No dia seguinte. Espalhou os mal-cheirosos crustáceos na entrada da casa. Quando a mulher apareceu pra reclamar, ele justificou:

- Eles se soltaram e eu tive que vir tangendo. Ôôô, siri!

Proponho que um decreto contemple Xumbrega com o Ministério da Justiça. Ele também mente de um jeito infame, mas é muito mais engraçado.

## **Cena carioca - VIII**

Tô melhor obrigado. Um ministro chamado Tinoco nie enche de esperança.

A frase da semana é do Sérgio Touro, diretamente do Bar da Maria:

- Meu irmão, tá tanto calor que quando eu abro o chuveirinho do bidê pra refrescar as partes, sem exagero, dá pia ouvir o tsssssssss...

Sei que vocês não vão acreditar, mas eu fui à praii. Juro. Dez da matina. Peguei o estojo de primeiros-socorros, vesti o colete à prova de balas, consertei minha máscara de oxigênio pra engarrafamento no Alto da Boa Vista e fui me divertir.

Porre no ar. Não me ofereci pra dirigir porque não sd. Nunca tive competência pra meter o chinelo naqueles pedas sem me abaixar pra conferir. Pior que a batida é a mudança no olho direito.

O compositor Moacyr Luz, que pilotava o Sinca em direção à Barra, parou umas dezessete vezes pra reabastece:. Vimos um 233 em cima de uma árvore e ajudei uma senhora em trabalho de parto: menina, quase quatro quilos, uma gracinha. Participei, na qualidade de alvo, de um tiroteio entre motoqueiros. Perto do Itanhangá, um guarda levou uma tremenda surra de onze assaltantes e revidou com a frase "Dessa vez passa, mas vocês estão na minha mira". Um doberman num bugre vermelho enfiou a cabeça na janela do nosso carro e estraçalhou meus óculos celebrities.

Bom, chegamos! A barraca do Pepê não é tão animada assim. Pouca gente, apesar de o relógio marcar apenas 23 horas.

A vida noturna do Rio não é mais a mesma.

## **Cena carioca - VIII (b)**

Com umas doze horas de viagem ( pneu furado, falta de óleo e princípio de incêndio), chegamos a Lambari. Chiquinha quis montar a cavalo. Tentei desesperadamente evitar, mas fui voto vencido.

Na pracinha dos cavalos, subornei o dono dos bichinhos com uma proposta nefanda: Botelho montaria no alazão mais mocoronga e todos nós ficaríamos parados até que eu dissesse a senha:

- Chegamos, Chico. Foi um belo passeio.

Ele não ia notar a diferença.

Mas houve um probleminha que atirou nossos planos (e o ginete) por terra. Já precariamente enganchado na sela, Chiquinho deu de revirar em todas as direções a orelha esquerda do cavalo. Nervoso, Jânio (nome do quadrúpede) empinou e Chiquinho beijou a lona. Sacudindo a poeira da roupa, forneceu a conhaquível explicação:

- O retrovisor tava torto.

## Cena carioca - IX

Posso não saber em que parte do inferno Dante arrojou os pretensiosos, mas aposto que eles vieram de um lugar pequeno e sujo, de uma cidade que não tem a luz das noites cariocas.

Noites cariocas... Na saída do Lamas, Zeca interpretando "La Barca" no rádio da patrulhinha e o PM aplaudindo. Maurício Tapajós matando baratas no fusca, na volta da casa da Elis, e perguntando: você também tá vendo ou sou só eu? Miguilho, depois de uma briga com pára-quedistas, dando saltos ornamentais de cima de um muro: perna quebrada e passadinha no PS do Andaraí, onde tu entra cajá e sai caqui.

Noites cariocas. O vício da madrugada. Vocação pra padeiro. Entrar de costas, pra vizinhaça pensar que eu tô saindo cedo. Ou trazer o leite, numa espécie de reconciliação com a realidade. Essas convenções tijucanas.

Noites cariocas. Na saída do Caras e Bocas a moça morena capota e morre. Meu pessoal continua biritando firme pelas noites do Rio, mas é contrato de risco: não somos mais imortais.

Noites cariocas. Chiquinho Botelho e eu, após tumulto no Calígula, 48 horas no ar. Chiquinho passa mal. Um médico no telefone. Descrição do quadro clínico. Impressionado, o esculápio pergunta pra mulher do Chiquinho:

- Ele está inteiramente impossibilitado de locomover-se?
- Mais ou menos...
- Como assim, minha senhora?
- Bom, mover-se ele não pode, mas continua um bocado loco.

## Se Laura Palmer Morasse na Abolição...

Querido diário:

Hoje escutei no rádio mais de cinquenta e quatro vezes a dupla Leandro e Leonardo (esses caras não jogaram no Flamengo?) cantando aquela merda: “Pensa em mim, liga pra mim, não liga pra ele”. Será que a musa inspiradora desses infelizes também não encontra orelhão funcionando? Telefona logo pra esses pentelhos, querida, e acaba de vez ccm essa chatice. Meu ouvido não é penico.

Sinto que eu vou ser estuprada e morta. Não é histeria, não. Questão de estatística. Quatro colegas minhas já passaram pela happy hour do Instituto Médico Legal.

Todo mundo aqui na Abolição conhece o tarado assassino. É ele quem investiga as mortes.

Moreno, altão, ex-torturador, joga muito bem vôlei. Quando lhe perguntaram o segredo de sua potente cortada, não vacilou:

- Penso que tô descendo a mão na cara da minha noiva e pronto. Treino todo dia.

De segunda a quinta, com a bola. Sexta, sábado e domingo, com a noiva.

Vi o Collor na TV, cumprimentando as Tartarugas Ninja. O resultado é mais ou menos feito um desenho animado das ditas, com participação especial do Roger Rabbit... Tem horas que me dá um desespero, fico pensando: estudar pra quê?

Melhor pintar a cara feito piranha, comprar umas botas bem escrotas e ir com o Magri para Genebra. A Nancy Reagan deu pro Sinatra em plena Casa Branca e o ti-ti-ti foi bem menor, apesar daquela perua ter dedurado a muvuca na biografia da mocréia. Nossos políticos são medíocres até no escândalo. Como diria o Bóris Yeltsin: é uma ver-go-nha!

Bolei um slogan em defesa do telespectador inteligente: NA BRIGA ENTRE A GLOBO E O SBT, QUEM PERDE OS TAMPOS É VOCÊ ! Sonoro, bacaninha e verdadeiro.

A verdade é que tudo ficou bem mais triste sem a Zélia. Aquele clima de bolero, as brigas com os vilões do empresariado, era uma beleza. Tô com saudade, Zelita! Veja só, querido diário, o que sobrou pra nós: a vida sexual do Marcílio promete ser menos excitante que voyeur olhando pacote de Maizena. Falando em vilões do empresariado, minha irmã mais velha contou uma história ótima: durante o seqüestro de Abílio Diniz, seu filhinho de apenas cinco anos acompanhava as reportagens sem entender nada. Quando a polícia conseguiu finalmente libertar o refém, o garotinho perguntou: Ma-nhê, porque estão soltando o que tem mais pinta de bandido?

Arranjei um namorado novo que tem a estampa do Pavarotti e as idéias do Renato Gaúcho. Quando minhas amigas perguntam como é que eu consigo transar com a peça, respondo, bem sarcástica: imaginando o contrário.

Sem grana pra comprar pílula, bolei um novo método anticoncepcional que não falha. É o seguinte: tem que ficar bem relaxada e procurar gozar primeiro. Se der pra mais de uma vez, perfeito. Aí, é só se mostrar bem carinhosa e pedir pro parceiro não deixar de avisar o momento certinho da ejaculação. Quando ele gritar: já!, é preciso fechar bem os olhos e pensar com fé: se fecundar, vai sair escarrado a cara do Cláudio Humberto. Tiro e queda: O óvulo entra em pânico e se desintegra.

Até amanhã,

sua Laura Palmer.



## Uma Dupla do Barulho

Estou em casa, depois de um jogo da Seleção Brasileira, com dor de cabeça, pensando na chatice em que o nosso futebol se transformou. Toca o telefone. É Hermínio Bello de Carvalho, diretamente de São Paulo, em companhia de Dona Neuma da Mangueira. Conheci Dona Neuma quando tive a honra de desfilar na Comissão de Frente da Mangueira, que homenageou Carlos Drummond de Andrade. A escola sagrou-se bicampeã. Sou salgueirense de enfartar, mas jamais esquecerei do abraço de Dona Neuma e de Dona Zica na pista, o dia clareando, no Desfile das Campeãs.

Hermínio já me deixou em situações difíceis. Uma vez, também em São Paulo, estávamos Hermínio, Mello Menezes e eu meio de porre, num fim de tarde, dispostos a aprontar, quando o Mello notou três moças muito engraçadinhas (e, na aparência, nada ordinárias) na mesa em frente. Paquera vai, paquera vem, Hermínio fechou a cara:

- Já vi que essas peruas vão estragar a boêmia.

Procuramos acalmá-lo: que nada, bobagem, e coisa e tal. As moças vieram pra nossa mesa. O pedaço que me coube naquele latifúndio mulherístico tinha uns dentes de fazer botar óculos escuros, uma beleza. Fiz um galanteio. Comparando os dentinhos dela com pérolas, troço muito original. A jovem agradeceu e escancarou ainda mais o anúncio luminoso. Hermínio, friamente, perguntou:

- São naturais ou prótese ?

E quando Mello Menezes elogiou os seios da moreninha, Hermínio repetiu a pergunta. Ora, diante desse clima, uma delas procurou brincar. Pra descontrair, entende? Disse pro Hermínio:

- Ainda não sei o seu nome.

Lembram do muxoxo das novelas de antanho, aquelas bochechas de tédio e descaso e um bico assim, ó? Pois, é. Hermínio fez uma careta dessas pra coitada e respondeu :

- Chamo-me Valéria.

Eu caí da cadeira e o Mello começou a chorar. Elas bateram asas, amores paulistanos que poderiam ter sido, mas não foram.

Pelo telefone, Dona Neuma me deu várias informações confidenciais sobre, digamos, atributos anatômicos de Noel Rosa, João da Baiana e de outros monstros sagrados de nossa música popular. Minha dor de cabeça passou de tanto rir. Quando o Hermínio apresentava suas despedidas misturadas com o repertório de Nora Nei fui acometido de curiosidade pouco elegante e perguntei:

- Estão em São Paulo por quê?

Pra um casamento de bacana, responde Hermínio. E passou a descrever a festa: trombetas na entrada da igreja, uma orquestra enorme lá dentro, coro, viadinhos.

-Viadinhos? - estranhei.

E o Hermínio, do alto de sua sabedoria:

- Tem em todo lugar, meu filho. Parece criança...

E eis o fecho de ouro: na recepção, a noiva, uma verdadeira avalanche de rendas, aproximou-se da gloriosa Dona Neuma.

- Dona Neuma, é uma honra ter a Mangueira aqui representada pela senhora.

A resposta:

- Brigada, minha filha. Cê tá tão linda que eu tou até com saudade do meu cabaço.

God save a Estação Primeira !



## Entre a Rumba e o Sambão

**B**aiano entra no campo:

O Fidel tava com aquele povo todo na praça. O discurso não era longo, graças a Deus. A massa escutava, embevecida. Quando foi interrompido por aplausos, pela quadragésima vez, cinco horas de falação, o grande líder bronqueou: “Os americanos pensam que nós só gostamos de rumba! Nós gostamos de rumba? Nós somos rumbeiros?”. Um cara meio de porre, logo na primeira fila, pegou o bongô e mandou no ritmo: “Nós gostamos de rumba?”. O povão entrou no clima:

“Nós gostamos de rumba?

No!

Nós somos rumbeiros?

No!

Nós gostamos de rumba?

No!

Nós somos rumbeiros?

No!”

Fidel e a galera dançaram 24 horas.

Depois das risadas, perguntei:

- Como seria a adaptação dessa piada para a relidade brasileira?

Baiano não vacilou um segundo.

- Mole, Blanc. O Collor, no meio do discurso pro Bush, teria uma idéia genial, e lascaria em inglês:

-The brazilian problem, my dear Bush, I've got it under my skin...

E o Marcilio:

- Dô!...

E o Collor:

- Skin!...

E o Marcilio

- Dô!...

E a putada toda:

- Skindô, skindô!

Do balcão, o Célio perguntou:

- E aí? E aí?

- Aí, Rosane entrava, rebolando à frente das fantasmas que não estão no mapa.

# Revanchismo

Eu estava sentado no único vaso de guerra disponível lá em casa, meditando sobre o cocô no Iraque e o papel do Bush

- o único papel que suja ao invés de limpar - quando o telefone impôs o encerramento dos trabalhos.

- Alonso!

- Folheando meu caderno de notas, encontrei teu endereço, resolvi telefonar...

Era o “Xarazinho”, dono da mais completa frota de táxis da Muda (meio fusca) .

- Qualé, Xarazinho? Não me chamo Elizabeth, pô.

- Seguinte, Blanc: apareceu aqui, no ponto de bicho, uma ave rara.

- Deu pavão?

- Antes fosse. A gente levou Sucuri e Ariranha, dois repentistas, amigos do seu Coelho, pra fazer uma fezinha antes do mocotó, e apareceu um major aerotransportável contando história de caçada. Vem pra cá que estamos precisando de um detector de mentira...

- Xarazinho...

- Fala, meu louro.

- Só pra confirmar a mensagem: repentista, mocotó, major e história de caçada. Tem certeza?

Câmbio!

- Mais certo que rombo na Previdência.

- Cumpadre, não perco isso de jeito nenhum. E pode anotar: um barão na milhar 1333, cercado pelos sete. E compra um maço de baixos teores pro ofídeo.

- Não saquei.

- Xarazinho, a cobra vai fumar. Câmbio e desligo. Quando cheguei na mais bela esquina da Muda, a Comissão de Alto Nível (alcoólico), tudo de copo na mão, ouvia o revolucionário major aerotransportável, o qual trajava curioso pupurri de adereços da adidas com uniforme de campanha, enorme binóculos a tiracolo e gaiola de curió na mão esquerda. Diga-se a bem da mentira que o curió usava coturno e bibico, obedecia à ordem de “cobrir” e chilreava corretamente a “Canção do Ordenança”. O major esbanjava munição:

- A glande opaca da canoa neolítica deflorava o hímen do chavascal!

- Peralá, majó! Esquece o Abi-Ackel e fala em brasilês mermo.

- Isso. Tu tava com a boca na chavasca...

- Cheia de cabelo, hê, hê...

- Porque não deste um tiro na grande paca?

- Eu falei glande opaca!

- E eu sei lá que diabo é isso?!?

- Seu Coelho traduziu:

- É uma espécie de capivara...

A palavra volta ao comando do major:

- Eu, pronto para entrar em ação, dormia na pontaria, quando um ruído estranho me acordou:

CHULAP! CHULAP! CHULAP!

- Hiii, caceta! Jacaré no pedaço?

- Não, era o Otávio Ribeiro dando tapa na cara de peixe-boi. Fui em frente. Nisso, a vegetação ribeirinha se abriu num farfalhar de anáguas verdes e o bichão pulou pra dentro da canoa.

- Putz! Era grande?

- O maior canguru que eu vi em minha vida de caçador.

Mandou dois jabs curtos e um cruzado de direita. Minhas esquivas funcionaram, mas eu sabia que não ía dar pra agüentar muito tempo. Afinal, eu não lutava boxe desde o primeiro casamento. Entrei em clinche. O desgraçado do canguru imitou a voz do Jaime Ferreira gritando “separa!” e me atingiu abaixo da linha da cintura. Vi quatro estrelas e senü que estava perdido. Uma idéia desesperada me ocorreu das profundezas da dor nos ovos. Gritei: Olha o Malufl Olha o Malufl Assustado, o paquiderme...

- Paquiderme?! Canguru é paquiderme?!?

- Perdão. Como eu ia dizendo, assustado, o batráquio australiano meteu as patas na bolsa pra conferir a grana e eu dei com o remo na cabeça do bruto.

Nem quando Abreu Sodré banca o bom caráter pinta maior constrangimento. Neguinho se coçava, balançava a cabeça, cuspiu de banda, assoviava tango. Aí, uma viola ponteou e uin dos repentistas, o Sucuri, partiu pra forra:

“Nem ronco brabo de onça, nem do jacaré o esturro, soam mais feio do que mentira em boca de burro”.

O curió gritou:

- Epa! Olha o revanchismo!

O clima fica torto.

Clodoaldo Aldo Alves me cutucou e recebeu o Caboclo Deixa-Disso:

- Meu caro major, conta outra de suas espetaculares aventuras na arte da caça.

Apelar pra verdade dos home às vezes dá certo. O major limpou a goela com uma talagada de “Monte Cassirio” (meio copo de cerveja, uma dose de Martini, uma dose de stanheiger becosa, uma dose de gin, uma dose de pitu. Bata bem e saia de perto). Vendo que tava pra dèsembarcar outra força-tarefa de lorotas, Ariranha pediu licença pra ir no “quartinho”. O major reabriu o teatro de operações:

-A glande opaca da canoa neolítica deflorava o hímen do chavascal!

- Pelarnordeus! Perece aquelas babaquices do Amaral Neto!

- Avistamos uma ilha a estibordo. Demos uma paradinha para fazer xixi. Ouvimos a estridência de uma araponga, um alerta- para o perigo que se avizinhava.

- Tu fala com Araponga, Xará? Eu, hein! Que qui ela te disse?

O major arregalou os olhos e, com uma expressão de Vincent Price de subúrbio, botou a boca no clarim:

- FOGO NESSAS COBRA!

- Que araponga alarmista, malandro!

E o major, firme no posto:

- FOGO NESSAS COBRA!

Escondeu-se atrás da jaqueira majestosa e sacou o 45. Por incrível que pareça, duas formas coleantes avançavam na direção do grande caçador. O suspense foi quebrado pela voz de Ariranha:

- Se atirar nas minha solitária com essa parabelum, sangro vosmicê na ponta da peixeira. Yolanda! Adelina! Voltem pro papai!

O major fungou e bateu em retirada.

Ao som, a voz de Sucuri:

“ As solitária que eu tenho são dois bom fiscal da Lei.

Uma se chama José e a outra chama Sarney...”

Ê-hê, é verdade! Cantá presse povo bão, sô!



## De Camarote

Apesar dos esforços da polícia civil, confortavelmente instalada em cadeiras de lona à margem da pista (sem pretender chamá-los de marginais), que interrompeu várias vezes o merecido sono e o estudo d'O favorito, e da pronta intervenção da FM, que suspendeu a pelada e passou a prender a polícia civil - em que pesem o leitão e as ameaças das comunidades de informações e dos mal-informados os integrantes das escolas de samba se recusam a deixar a passarela da Marquês de Sapucaí. Baterias emudecidas, estandartes abandonados, passistas e cabrochas espiam, embasbacados, a badema que otoridades, vips e vamps promovem (êpa!) nos camarotes.

O cafetão internacional xeque Harum Al-Eskarrar presenteou o Dr. Vidrado Devárium Dez, a "Marleide", com a privada de ouro de seus aposentos não menos privados. E ainda repleta de cocô, o que dá mais colorido ao fato. Vidrado, destacado membro do Colégio de Cirurgiões e da Penitenciária Lemos de Brito, declarou para a posteridade: "Agora, quando eu quiser me suicidar, é só entrar no vaso e puxar a válvula. Morrerei na merda, como a maioria dos brasileiros, mas com um toque de distinção".

No camarote ao lado, um Marechal da comunidade dos incomunicáveis ergueu sua taça: "Eu também como a grande maioria dos brasileiros!". Já o xeque Harum, com um delicioso sotaque baiano, justificou seu rasgo de generosidade de forma singela: "Marleide seleciono legal as puta, num sabe?".

O Troféu "Folião Mais Pitoresco" deverá ser concedido ao impagável (tá cobrando muito caro) Delegado Luterinho Nazi, elegantíssimo dentro do conjunto safári do recém-falecido traficante Laurindo Tambatajá.

Completavam o traje a inseparável tarrafa, chapéu de cortiça e rifle com mira telescópica "pra atirar em pandeirista", segundo o bem-humorado agente da lei e da ordem. Luterinho, com charme e soco-inglês, exigiu que os gatos e pardos só se referissem a ele como Buana Nazi, o Grande Caçador Branco.

Cassandras e pessimistas inveterados sofreram rude golpe com um tocante episódio acontecido no camarote do industrial e contraventor (não necessariamente nessa ordem) Urânio Pólio Falcatrua, o "Fuinha do Alvoradão".

Após chupar uma meia dúzia de paus, a modelo internacional Fann Xonna manifestou desejo de queimar um charo. Anfitrião impecável, Urânio mandou seu ajudante-de-ordens, Bicheir-Major-Aero-Transportável Aloísio Sagrado Coração, enrolar um de dois palmos. Consternados, os dois homens de visão souberam, por alcagüetes, que o fumo acabara logo após a passagem pelo camarote da comitiva das altas esferas (só a esposa do Deputado Keres Barata Arreboque tem 1,80m e pesa 115 quilos) políticas da situação. Informado a respeito do impasse, um assessor da Secretaria de Iiçeguranssa, lotado num camarote próximo, cedeu maconha de sua própria capanga, Neuza "Enfia-o-Dedo-e-Roda", aos quilos. O gentil-homem não quis se identificar, por estar sem documentos, e disse apenas que se chamava Inspetor-pa-Viagem Clóvis Mascarado de Melindros Filho. O grande Urânio agradeceu muito e prometeu pagar no Dia de São Nunca. "Quem dá ao próximo, em festa, adeus!", acrescentou o rafles carioca.

Caído num terreno baldio das imediações, o cadáver do Juiz-Carregador Mártir Telúrico dos Santos considerou o gesto de Clóvis Mascarado inoportuno e de tendência criptocomunista. "Além do mais, ele deveria ter cobrado na hora, em espécie. Não foi pra isso que fizemos a Revolução." O magistrado expressou-se em latim, por considerar língua morta mais compatível com seu estado de putrefação.

Uma nota: dois bi foi quanto o jurista Beto Nem-Pensar pagou ao legista Chicotinho Queimado para falsificar o atestado de óbito de sua amante (dos dois) Tetê Fufu Nicols, parda, gaga, idade média. Tetê

faleceu do coração com seis tiros à queima-pele. Comenta-se que, antes do ataque, Tetê estava nua, abraçada ao peru da ceia do contínuo da cunhada da secretária do maître do camarote de um ministro desses aí. O jurista, que tava de olho no mesmo peru, matou em defesa da honra, da farofa e dos miúdos.

Senhoras de nossa melhor sociedade, Lívida do Grelo Maior, Odile de Piranhas Margens Plácidas e a Condessa Lavanda de Prozz Tchittuta, ministraram (ui!) verdadeira aula de Moral e Cívica nos Camarotes da Sapucaí, ao lincharem, no mais puro estilo Baixada, a modelo internacional Fann Xonna II. Tudo começou quando a modelo passou a mão na bunda de Lívida. Espelho do belo nome, a colunável replicou: “Bunda onde a condessa meteu o vibrador, fanchona nenhuma passa a sapata. Dito isso, tirou da bolsa importada o estoque dos bons tempos de detenta no Tâlavera Bruce. Seguindo o nobre exemplo da amiga, a condessa abriu o “Terror do Bois”, sua famosa navalha. Odile gritava palavrão em nove idiomas. Coube a Lívida aplicar o golpe de misericórdia com seu Grelo Maior, uma variante da umbigada. Desacordada, a modelo foi arrastada pela passarela do samba e atada aos ferros da cabine, junto ao jurado de morte do quesito Evolução, o qual deu dez! nota dez! e fugiu por unia viela. Fann, entre um e outro autógrafo, foi empalada e torturada até a morte. Aproveitando a liquidação, o delegado Luterinho Nazi atirou em diversos populares, pediu mais verba e acusou Fann de ser o crioulo forte, de boné, que matou Mariel.



# Missão Impossível

Eu sabia que a guerra no Golfo ia sobrar pra mira. O telefone me acordou às cinco da manhã.

- Frank falando.

Frank é meu nome. Frank Drebin, tenente aposentado do Esquadrão de Polícia, disposto a terminar seus dias, principalmente, de súbito.

- Frank, aqui é o George Bush.

A mania de fazer graça dos cariocas.

- Certo, palhaço. Conta outra.

- É sério, Frank.

- Ah, vai pro caralho!

Uma hora depois bateram no meu quarto. Um cara da CIA, velho conhecido do Vietnã, reclamando que eu tinha ofendido o presidente dos Estados Unidos da América. Me desculpei. Ele disse que eu receberia instruções no dia seguinte, na filial Tijuca da Tele Rio. Não estranhei. O Brasil é um país muito louco. Toda a minha vida fui Mister isso e Mister aquilo, mas o ascensorista do hotel só me chama de Pretinha, Minha Flor, Princesa...

Como eles mesmos dizem: é de lascar!

Well, passei outro vexame na tal loja. O gerente, um baixinho parecido com o Ozires Silva, deu um berro assim que me viu:

- Oba! Você deve ser o tal agente secreto, ou coisa que o valha! Tô com uma fita pra você, gracinha !

Piscava o olho de um jeito sagaz e me dava cotoveladas. Tinha “ordens superiores” pra me vender um walkman. No táxi, a caminho do hotel, aproveitei o engarrafamento pra ouvir a fita:

- Um, dois, três, gravando! Tá no ar? “Tanto tiempo disfrutamos desse amor”. Bela voz, não? Cantei no Sílvio. Teu recado é o seguinte: procure um índio de cueca Zorba, assobiando o tema de P antanal, na seção de importados do Paes Mendonça. Essa gravação se auto destruirá em cinco seg - seg - seg - seg...

Tecnologia brasileira. Graças ao defeitinho a geringonça explodiu nos meus cornos. Tive queimaduras de primeiro, segundo e terceiro grau e fui medicado no Pronto - Socorro do Andaraí, onde tu entra cajá e sai caqui.

Cheio de picrato de butezin, ossos do ofício, deixei o hospital e passei em meu hotel. Levei o maior susto. Seis homens ensaiavam um seqüestro no saguão, pro Globo Repórter. Pra não ser notado, dei seis tiros numa senhora. Ninguém viu, o que é uma tradição nessa gente bronzada.

Não achei outro táxi. Pra não perder a hora fui de chapa branca pro Paes Mendonça. O índio tava lá. Resolvi improvisar. Um ligeiro aceno de minha parte e o índio resmungou:

- Ugh!

E eu:

- Hefner.

Ele, de mau humor:

- Onde eu perder as flechas?

E eu, brilhante:

- Deep in the heart of Texas.

Ele:

- Vai pro caralho.

Fiquei perplexo.

-What?

- Vai pro caralho.

Tenho certeza de que não havia nada disso nas minhas instruções. Quase entrei em pânico. Aí, vi outro índio de cueca Zorba, assobiando o tema de Pantanal, me fazendo sinais desesperados com uma latinha de caviar.

É um mundo pequeno.

Novas ordens me levaram ao gabinete de segurança máxima do Tuma, em Brasília. Uma sofisticada fortaleza, impossível de transpor se você não tem os meios adequados. Um bunker à prova de falhas, apesar de o entregador do Mister Pizza ter interrompido a reunião com duas calabrezas. Começou a discussão pra saber quem tinha feito o pedido. Saí pelos fundos. Tinha que voar com urgência pra São Paulo. Durante o vôo, devido à tensão, me senti mal. Uma aeromoça, filiada à CUT, ia passando na horinha.

-Young lady...

- Tsk...

- Coffe, please.

- Qualé, babaca? Tá me achando com cara de garçon? Vai pro caralho!

Assim, não há mulato inzoneiro que agüente.

Próximo passo: eu precisava decifrar uma mensagem em código, durante uma palestra do Mário Amato, na Fiesp, sobre economia de mercado. É dose. Tava quase cochilando quando quatro capitães da Polícia Militar, munidos de bombas de flit, começaram a jogar dados e a dar umbigadas enquanto pisoteavam um japonês com um papagaio no ombro. A mensagem era cristalina: “Não tem mosquito. Dados oficiais: encontro às 4 P.M., na Baixa do Sapateiro, com um oriental. Senha: Currupaco”.

Adoro Salvador. ía acender o terceiro baseado quando vi o japa. Cheguei de fininho e mandei no ouvido dele:

- Currupaco.

Sei que é chocante, mas o Tanaca me olhou do cabelo escovinha ao tênis e disse:

- Vai pro caralho!

A última mensagem que recebi, antes de entrar pras Testemunhas de Jeová, dizia que Saddam Hussein é mineiro de Goiabinhas e que eu deveria, pra maiores esclarecimentos, localizar, a qualquer preço, um compositor baiano parecido com Bob Marley.

Pera lá, Pentágono! São mais de vinte mil! Vai pro caralho!

# O Verdadeiro Começo da Tragédia

## (Operação Pra Lá de Bagdá)

**M**eu nome é Frank Drebin. Sou tenente aposentado do Esquadrão da Polícia e dizem que me pareço, apenas fisicamente, com o ator Leslie Nielsen.

Quando deixei a ativa, tive uma forte depressão por não ter o que fazer, uma espécie de nostalgia dos bons tempos de combate ao crime organizado. Meu médico me aconselhou a procurar um “derivativo”, ou seja, ocupação semelhante ao do meu antigo job: guarda de segurança, agente penitenciário, traficante etc. Como os criminosos que se dão bem in my country costumam vir pro Brasil, resolvi segui-los até aqui, Confesso que me sinto em casa. Bang!

Não lembro bem o dia em que o terrível mal-entendido começou. Sei que era de manhã e eu tinha acabado de pular por cima dos corpos de turistas assassinados no saguão do meu hotel. Dentro do elevador também havia um presunto. Resolvi ir pelas escadas. Fui seqüestrado no 3º andar. Colocaram um capuz em minha cabeça e me conduziram na garupa de uma moto até o helicóptero. Estranho. Após alguns minutos de vôo, mudei de aeronave. Fui amarrado no acento de um avião privativo das Forças Armadas. Sei que pousamos em Brasília pelo comentário do piloto: “Detesto essa merda”.

Em terra, me atiraram na parte de trás de um furgão. Senti que me conduziam à presença do chefe. Minha surpresa, ao arrancarem o capuz, quase me custou a vida:

- Shit!

Um brutamontes ameaçou dar um chute na minha cara, mas o Tuma impediu. Sim, era ele mesmo, em carne e bigode. Um cara afável.

- Oi, Frank. Desculpe o mau jeito. Medidas de segurança. Você foi do ramo e entende nosso problema.

- Esquece, Tuma. Em que posso ser útil?

- Gostaria que você auxiliasse nosso pessoal numa pequena operação. Como intérprete. Pode haver ti-ti-ti diplomático.

- Oquêi!, Rô-Rô, tamos aí.

- Good, Frank. Mas me faz um favor...

- É só pedir, Rô-Rô.

- Não me chama de Rô-Rô, porra!

O brasileiro gosta de informalidade, mas convém não exagerar. Acendi a boca e falei pelo canto do cigarro:

- Paraguai de novo?

- Não. Desta vez é coisa grande. Mas muito, muito delicado. Por isso pensamos em você.

Fiz um gesto de “ora” e derrubei uma jarra no colo de um coronel do Serviço Secreto.

- Frank, nós descobrimos onde estão os dólares do seqüestro do Medina.

Engoli seco.

- Pense, Frank. De Medina você vai a

- Meca!

- Exato, Frank. É isso aí. Ligamos pro nosso aliado no Iraque e montamos uma operação de despiste para chegar até a Arábia Saudita. Tudo foi planejado de maneira a provocar um risco zero de

repercussão internacional. O Rezeck tem dúvidas, mas você sabe como são esses almofadinhas. Contamos com seu tato, Frank.

- Serei sutil como nunca.
- A senha, Frank, é Kuwait a minute.
- Bem bolado, Rô... excuse me!
- E, Frank: nada de escândalo.

No Iraque, fui encontrar Saddam, que nós chamávamos de Bush's Boy, no Golfo Gala Gay. A senha era fácil. Fantasiado de Carmen Miranda estilizada eu deveria cantar:

- Mulata bossa-nova caiu no hully-gully...

Saddam, de odalisca, completaria:

- ... E só dá ela...

Os dois, pulando feito loucas:

- ... Naaa passarela!

Seguimos rigorosamente as instruções do Tuma.

O bombardeio a Bagdá começou no dia seguinte. Tenho passado horas tentando enxergar onde foi que nós erramos. Shit.

# Querido Diário

## 21 de abril

Em sociedade tudo se sabe. Portanto, não vejo razão para ter medo de que o conteúdo desse diário venha a ser conhecido. Grandes mulheres, como Virgínia Wolfe Wilza Carla, escreveram diários. Como mulher da sociedade (hum... melhor mudar essa frase: entre meus pecadinhos, sem preconceito, não consta a fricção de bombril). Errata: em sendo mulher da sociedade, minha vida é mais pública do que a da Cicciolina. Pode até ser moralmente discutível, mas não tenho porta-voz pra desmentir meus erros no dia seguinte. Ponto pra mim. Não tenho vocação pra Madalena nem telhado de vidro. Podem atirar pedra à vontade. Caguei. No Banana Café tem mais piranha que em Pantanal. Apresso-me em esclarecer: tô falando do peixe e não das colegas.

## 7 de setembro

Acho que o feminismo tem razão em alguns pontos: eu levei sete na cara. Ciúme não é prova de amor. O machismo faz coisas abomináveis. Odiei quando meu marido me lançou naquela feira de gado organizada pelo Caiado (quase que eu escrevi Caído). E daí? Eu o-d-i-e-i. Mas o público delirou.

Aplaudiu de pé. É o que interessa. A farra da vaca. É mole? Mulher da sociedade é meio parecida com garçom: o freguês tem sempre razão. Muuuuuu. Falem mal, mas falem de mim. Minhas amigas morreram de inveja quando beijei o pó. Epa! A beldade domada. Só tive um momento de glória semelhante: quando fui entrevistada, ao lado da mãe do presidente Collor, pelo apresentador Bolinha, no Baile da Ilha Porchat.

## 12 de outubro

Em matéria de lambada, formamos um casal perfeito. Vou ter que ir ao Roller da Lagoa de óculos escuros. Levei o maior soco da paróquia na janela esquerda da alma. O maridão queria saber se alguém tinha feito depósitos em mim no motel Vips's. Fui flagrada saindo de lá ao meio-dia de hoje. Acuada, em pânico, me lembrei dum parecer do Procurador-Geral da República, publicado pelo Ibrahim (o antigo), e fui contra a quebra de sigilo bancário, em respeito à Constituição. PôW! Uma porrada que eu vou te contar. Anterior à perestróica. A meu ver muito rigorosa. Só porque eu fui ver meu gatinho?!? Hoje é Dia da Criança, gente!

## 15 de novembro

Meu maridão anda louco de humilhação. Dá Samba. O motivo? Tchan-tchan-tchan-tchan! Nenhuma tentativa de seqüestro até agora. Dia desses, meio cafungado, com aquela maizena sórdida que o Chileno vende em Niterói, telefonou pra um advogado amigo nosso, contínuo do Comando Vermelho, e descompensou geral: "Cês tão me achando com cara de fichinha? Só o que eu songuei de Imposto de Renda cobre tranqüilo a última pedida de vocês, tá sabendo?". Fico na minha. Se ele realizar o sonho de ser seqüestrado, meto umas olheiras artificiais e faço a maior cena. Esse Oscar a mamãe aqui não perde. Mas, aviso aos navegantes: não vou pagar porra nenhuma. Caso Nonô seja morto, ligo pro Machadinho, da Ele Ela, e peço uma nota preta pra posar nua.

## 8 de dezembro

Acho o tal de Alcení (é isso?) muito careta. Deve ser porque tem nome de cantora brega. Acabaram de ouvir a guarânia Privatiza esse sofrimento enorme, interpretada por Alcení de Tal. Pode? Que austeridade, que nada. Sou mais meu ginecologista, o Haroldão, que sai de jaleco e bico-de-pato na ala A Xereca é Nossa, da Beija-Flor.

### **25 de dezembro**

Nonô me emocionou profundamente. Ganhei de Natal o tão almejado piano de cauda. Tudo muito romântico, do jeito que eu gosto. Depois que nossos convidados foram embora, eu, como boa dona de casa, tratei de chamar a criadagem para a limpeza das fezes nos meus Oriental Rugs. Esbanjando galanteria, ele pronunciou a frase inesquecível: “Deixa essa merda pra lá. Fica de quatro no banquinho. Agora você toca piano que eu como a cauda”. Love is a many splendored thing..

### **1 de janeiro**

Minha vez de naufragar. O champanha da Saad faz mais estrago que dez holligans .

### **20 de janeiro**

Fala-se muito em ética, caráter etc. Coisa de brasileiro. Quem tem mesmo essas coisas não precisa ficar falando nelas toda hora. Mas não sou radical. Acho que caráter é feito o antigo Centrão: tem que se moldar, se ajustar à realidade dos fatos, dançar conforme a música. Por exemplo, meu amigo compositor tinha uma salsa pro Mandela, mas apareceu uma oportunidade interessante e ele substituiu os tambores de óleo por uma violinha pantaneira. O verso final, que era “Mandela ogunhê eparrêi atotô aché!”, virou: “Manguei da cunhã que fez cocô no jacaré”. Graças a essa pequena modificação, ele faturou uma faixa na trilha da novela.

### **Terça-feira gorda**

O sistema. Pros incompetentes, tudo é culpa do sistema. Picas. Eu e meu costureiro só conhecemos o sistema métrico e olhe lá. Eu mudo as pessoas. Gosto de alterar as regras do jogo. Já o Nonô, é devagar quase parando. Na última vez que praticamos a troca de casais, foi tudo tão formal e acadêmico que meu marido e o outro valete só faltaram trocar flâmulas no meio de campo e jogar moedinha pra escolher o lado. Paciência. Sou vulgar, certo, mas não casei com nenhum jogador da Seleção Brasileira. Pode vir quente que eu estou fervendo. Mas tem que ter charme. Não parece, mas posso ser mais difícil que a nova tampinha de Chophyhol.

# Suplemento Literário - O Poema em Questão

## SERVA, CERVA

Mérvio V. Montinho

Os arrepios da tua pele  
cravados em minhas unhas como farpa,  
o meneio quente do teu pescoço  
de cisne interiorano,  
calor no meio das pernas  
entre os lábios, astrolábio,  
entrando meus dedos em seiva e sangue  
a raiz dos cabelos, a matriz do mundo,  
trismo hysterilírico em minha boca,  
por tua estrela do mar de pacote  
tristura de modess, tesão no cacete,  
saliva, narinas, nuca,  
o caminho das índias, nunca!,  
ah, puta de almíscar e feno,  
Circe que me transformaste em suíno, eis meu hino!,  
o carinho das fímbrias, a maldição das túbias, impura, empurra, santa, e senta,  
em teu vergel o mastro que te esplende,  
prende e arrebenta o arado que te rasga o lorto,  
o pau sacrilirado e torto  
que te consagra em porra, porra!  
Por porejado, úmido, molhado,  
umihumilhado pelo medo,  
rudirredimido pelo dedo,  
serva, cerva, viada,  
a palavra ávida de te ofender,  
de te fender a crosta,  
de te bater no rosto para a redenção do gozo,  
a face aveaviltada em meus escrotos  
pegando fogo, o não e o sim, o rogo,  
o si e o não, o jogo,  
o rego irrigado pelo cuspe na palma da mão,  
a cabeça, o olho, a prega que cede ao trozobão,  
ai, escrava da minha vara,  
a palavra avara de te abençoar, de te maldizer,  
toma, cigana, a minha gana agoniadamente,  
mente, sacana, em teus gemidos afogados,  
corvo, ave-do-paraíso,  
gávea mansão da minha zorra,

o rabo em rubra carneflor de porra, porra!

**Poema extraído do livro A Vara Avara, de Mérvio Victor Montinho,  
Ed. Bombeiros & PM, - 3 pdg - preço: S 0,000001 magris.**

\* \* \*

Mérvio V. Montinho é poeta e proctologista

## CRÍTICA A CONCRETUDE IN/COMPLETA IN/GNORANTE

Válner Bishop Beirão

Gafes são quase sempre imperdoáveis. Nem todos vomitam o peixe com o vinho branco. O novo livro de Márvio Victor Montinho lembra um rabino entrando em Auschwitz com uma ventarola da Brahma. A pretensa “sensualidade” da nova fase de Márvio é apenas escato-sâmica. A prolixidade multiplicou-se da maneira aidética. Quem se recorda da concretude karma/camal de “COBAL=Cow Baal”? Todos nós (nós como laços, no sentido lainguiano). Há que chorar. Relembremos aquele marco cósmico - cocôs da cacofonia cacófoto/catastrófica:

MUUUUU

TETA

TENTA/AÇÃO

BUUUUU

CETA

ETA GOSTINHO BÃO

COBAL=COW BAAL

MUUUUU

TRETA

O GORDO GOZO COPIOSO

NEWTON CARDOSO

A sensualidade da fase atual é acrítica. Parece nosso Presidente tartamudeando em espanhol. Perdeu-se a sátira da mimese paródia, a alusão-derrisão kleiniana, em nome de uma sensualidade baixa do sapateiro.

Mesmo em seus momentos mais discutíveis - por exemplo, em “Odes Stalinistas Deso(R)des”-. Márvio transcendia modismos. Ainda que de laço de fita no capacho esfiapado de György Luckas, teve forças para alir a síntese talássica do vai-e-vem eterno, retomada teluricadavérica do eterno instante vicentecarvalho: inserida na derrotada Soviética:

MAR!

TÊ-LO!

MARTELO!

FOI-SE...

Seu novo livro pretende incensar a mulher. D-e-t-e-s-t-e-i. Não há entre versos e/ou poemas o mínimo sentido de combinação (nem tampouco de anágua). Márvio é, antes de tudo, um ingrato. Não quisera eu que o aedo, recentemente convertido às rachas feminis, dissesse obrigado ao doutor que eu mesmo chamei e paguei pra curar os seus bichos-de-pés. Seria pedir demais. Márvio é macunaímico. Roberto Sicuteri escreveu que a natureza de Lilith mudou no momento em que blasfemou. Já o discurso



da transgressão em “Vara Avara” suscita nostalgia dos bate-bocas entre Evandro e Bomay: uma questão de paetês. Onde a ressonância o Mesmo como Outro passando a Mesmo-Outro Transfigurado da repetição irrepetível encontrada (e perdida) em “Trem Erótico”?

FUQUEFUQUEFUQUEFUQUEFUQUEFUQUEFUQUE

OU TU ABRE OU BOTO A MUQUE

Ai! Só quem perdeu pregas na Mooca entende essa confissão narcisipandora de Márvio. Pandora, e também de Pândaros, do qual se ocuparam Chaucer e Shakespeare, Márvio, sua danada, como Diomedes quiçá te matarei!

Emest Pawel nos legou, em seu pesadelo luminoso, essa parábola, até então inédita, de Kafka:

“ O Ministro da Saúde, preocupado com o bem-estar dos donos de hospital, foi até uma vala negra.

Lá encontrou um pobre que chorava de raiva.

- A catarse do choro é benéfica.

- Não fode!

- Busco apenas compreendê-lo.

- Não fode.

- Pra mim, merda e lágrima são matéria orgânica.

- Tu diz isso porque não é a primeira que escorre pelos teus come”.

Tive sim, Márvio, outro grande amor antes do teu. Mas, contigo aprendi, manzaneramente, a verdade a que chegou Julia Kristeva por outros caminhos: “Construir um falus no mesmo lugar da castração, abrir um buraco no mesmo lugar do poder fálico, enxergar o imaginário onde não há outra coisa senão o simbólico”. **A vida é meia, Márvio. Só paga inteira quem é babaca.**

Válner BÍshop Beirão é entregador de videoclube.

# Mitologias

Brasileiro adora mito, lenda, fábula, conto-do-vigário. Tá no sangue. A consequência natural disso é uma verdadeira febre de adaptações. Do programa de computador à escopeta, modéstia à parte, a gente adaptamos de tudo. Visando aumentar a confusão reinante, eis aqui minha contribuição a esse lamentável estado de coisas: novas adaptaciones da mitologia!

Antes das coisas serem criadas havia o Caos, também conhecido como José Samey. Samey teve dois filhos com a ninfa Cafona, protetora do laquê: Prometeu-tem-que-cumprir e Ajoelhou-tem-que-rezar, ambos derrotados na disputa ao governo do Maranhão. Prometeu, rei do nepotismo, fez o homem a fim de preencher as vagas de ascensorista do Senado. Ao contrário dos animais, fê-lo(ui) ereto, pra poder se curvar diante dos poderosos, e de olhos ativos, pra olhar balão e bunda de mulher subindo escada. Prometeu era um dos Titãs, ao lado de Arnaldo Antunes e Toni Bellotto. Os pobres mortais odiavam os Titãs porque um deles namorava a Malu Mader. O outro nome de Ajoelhou era Epimeteu, que dotou os animais de presas, garras, colarinho branco e fundou a Fiesp. Epimeteu fez muitos gastos inúteis, o que levou Jair Meneguelli a declarar:

- Não sento na mesa de negociações do pacto com esse cara.

Prometeu, percebendo o começo da orgia na ciranda financeira, associou-se à Minerva numa fábrica de sabão em pó. Epimeteu, bicão e oportunista pra caramba, perguntou ao irmão:

- Que qui eu faço nessa boca?

Prometeu inventou no ato a proverbial resposta:

- Vá lamber sabão!

Ah, ia esquecendo: a filha do Caos virou Musa.

\* \* \*

O Olimpo andava muito chato e Zeus murmurou:

- Tá faltando mulher no pedaço.

Resolveu criar a secretária gostosa. Pandora. Cada um dos deuses contribuiu pra vaquinha de atributos. O dom da persuasão foi presente de Hermes. Afrodite brindou-a com a beleza. Apoio dotou-a para a música. João Araújo arrumou um contrato na Som Livre e Marta Rocha cedeu-lhe as famosas polegadas a mais nos quadris. Pandora foi dada a Epimeteu. Um dia, Epimeteu chegou de porre do Lamas. Pandora, tentando descolar algum pro cabeleireiro, vasculhou o bolso da bermuda do cara e encontrou um lenço manchado de baton, ingressos pro circo Orlando Orfei e uma caixa. Desconfiada de que Epimeteu estivesse metendo o epi na xavasca alheia, Pandora abriu a tal caixa. Deve ser camisinha, pensou. Acontece que a caixa continha os males, os crimes, as pragas e os votos que reelegeram Antonio Carlos Magalhães. Essas merdas escaparam da caixa e se espalharam pelo mundo. Só a Esperança ficou no fundo da caixa. Louca de raiva, Pandora berrou:

- Não banca a sonsa pra cima de moá, piranha.

E enfiou os tamancos nos cornos da pobrezinha até matar. Daí vieram as expressões “matou a pau” e “a Esperança é a última que morre”. Epimeteu passou a viver de bar em bar, sempre resmungando: “Vivi séculos com aquela pilantra c não saquei a peste que era”. Por isso é que Epimeteu, em grego, significa mais ou menos “o que reflete demasiado tarde”, ou, no jargão carioca, “aquele babaca”.

Zeus ficou furioso com essa história toda e deu uma entrevista coletiva na qual declarou o seguinte :

- Não tolerarei mais brigas no meu governo pra evitar que corramos o risco de regressar ao Samey.

Prometeu, que não tinha nada com isso, foi acorrentado no Monte Cáucaso, onde um abutre deveria devorar-lhe o fígado para todo o sempre. Prometeu recorreu da sentença, e Zeus, num rasgo de generosidade, condenou-o a trinta mil anos. Ufa, que alívio, suspirou Prometeu, ao saber do abrandamento da pena.

Sobre o famigerado abutre, Bulfinch e P. Commelin narram o seguinte episódio: Zeus estava conversando com Hermes sobre que nome deveriam dar ao urubu mitológico. Hermes tomou um gole do néctar e matutou:

- Hum... bicadas diretas no fígado... é isso?

- Isso aí - Zeus confirmou.

- Certo. Deixa eu ver... achar um nome legal pra uma porrada no fígado... hum... já sei!

- Diz, meu querido!

-51!

Zeus caiu na gargalhada.

- Rá, rá, rá! Grande, Hermes! Uma boa idéia!

Penalizada, Palas Atenas tirou três folhas de um carvalho e transformou-as em Engov, Sonrisal e Litrison. Para premiar a generosidade do carvalho, Atenas perguntou:

- O que queres em troca de tuas três folhas?

O carvalho suspirou:

- Não gosto do meu nome. Carvalho parece ca...

- Basta! O carvalho terá que carregar, mas te farei ainda mais belo, de olhos claros e cabeleira prateada. Na intimidade serás chamado de Hermínio. E assim nasceu meu querido Hermínio Bello de Carvalho.

Enquanto isso, Hércules e o Leão da Neméia brigavam agarradinhos. Com a boca cheia de cabelo, feito o caçador português, o possante filho de Alcmena estreitava o felino contra o tórax. O leão revirou os olhinhos:

- Esmaga esse corpo que é teu!

Hércules tirou a melissinha do pé esquerdo:

- Te dou uma sandalhada na juba...

Zeus jogou longe os cartões da loteca e apareceu na janela do Olimpo:

- Será que as duas podiam dar um tempo na viadagem?

Aproveitando a confusão Atenas amassou o bordado de Aracne, tomou um vidro de Dalmadorm com batida de maracujá e ateou fogo às vestes.

Mais positiva, a fim de conquistar seu próprio espaço, Aracne compôs o rock-balada Botando as Aranha Pra Brigar, ganhou disco de platina e enche, diariamente, o saco dos mortais, num clipe que a TV Rio leva ao ar entre Combate e Perdigotos do Pastor.

Impressionada com tanta baixaria, Leda botou um ovo. Quando Zeus entrou na cozinha pra pegar um cafezinho. Hera tava uma arara:

- Vai, babaca, vai bancar o cisne pra cima daquela galinha, vai!

Nos jornais do dia seguinte, Passarinho lamentou o desvirtuamento dos valores éticos, mas admitiu que rolou verdinha.



# Relatório Blanc

Taras, conforme os leitores não ignoram, é tudo que achamos sexualmente muito estranho em nosso vizinho e até certo ponto normal na gente.

Um amigo meu teve uma sacada antológica - verídica, juro - num barzinho desses de paquera às sextas-feiras. A moça que ele azarava, gatíssima, mostrava-se petulante, soltando jabs feministas, mais cheia de bandeirinhas que escola pública em visita presidencial. Lá pelas tantas, a gracinha pensou que estava dando o golpe de misericórdia:

- Você não tem nada que me interesse. N-a-d-a.

E o meu amigo:

- Tenho, sim. Tenho um rolo de corda na mala do carro. Te arrasto pro Ebony, te amarro e encho essa cara atrevida de tapa.

Como que hipnotizada, a moça ficou uma seda. E topou.

O que vocês acham? Eu diria que o tiro pegou em cheio na tara. Acontece.

Na época daqueles livros sobre pesquisas sexuais, organizei o Relatório Blanc. Alguns depoimentos me impressionaram muito.

**1 - Rodoválrio Caldas** - 89 anos, protético aposentado, me fez, entre uma e outra jujuba, um relato comovente:

- Eu nunca havia tido relações sexuais usando camisinha. Com esses alarmes na televisão sobre o perigo do contágio etc., fui ficando obcecado com isso. Não podia mais dormir. Pensava que era triste morrer sem experimentar essa última idiotice. Fui a uma farmácia no Catete e adquiri uma caixa de preservativos. Peguei os classificados e liguei para uma jovem que me pareceu simpática. Ela veio a meu pequeno apartamento e expliquei-lhe o problema. Mostrou-se muito solícita. Quando ficamos nus, me vendo meio atarantado, ela disse: "Calma, tudo bem. Não precisa ficar nervoso. Veste a camisinha". E eu, todo sem graça, com aquela rosquinha na mão: "Desculpe, filha. É que já faz tanto tempo que não me lembro mais onde é que eu coloco esse treco".

**2 - Sérgio Roberto Grimpício** - Estudante, tinha uma tara neovoyeurística:

- Diante de um vídeo erótico sem som, começo a me masturbar com uma dessas vendas pretas contra a claridade que a gente recebe em avião. Quando estou quase-quase, retiro o tapa-olho: às vezes cai numa cena ótima e é maravilhoso. Mas, de vez em quando, tenho que me conter no último minuto porque a câmera está mostrando cinzeiros sujos numa mesinha de centro. Essa incerteza é que faz a coisa ser excitante. Há algum tempo, vivi um momento patético: por um defeito qualquer, a fita parou sozinha. Não notei. Quando arranquei a venda, tive um orgasmo com a expressão do Jarbas Passarinho ao saber de sua substituição pelo Célio Borja.

**3 - Wilson Flora** - O Baiano:

- A pele do meu pênis é muito sensível. Passei maus momentos: ficava esfolado, ardia, tinha que interromper relações. Um dia, descobri a tábua de salvação, ou melhor, a salvação da tábua: Danoninho! Hoje, deslizo bem, o entra-e-sai é suave e minha saúde melhorou, porque Danoninho vale por um bifinho.

**4 - J. C M. Menezes** - Publicitário:

- Tira esse troço da minha frente, pomba! Eu tenho problemas com gravador. Não aponta esse microfone pra mim, caceta! Eu não posso... faz isso não... há, há, há... por favor, vira esse negócio pra lá... ai, meu Deus... é sério, eu tenho problemas com gravasssss... gozei. Tsk.

#### **5 -Beatriz Aranha - Bailarina:**

- Eu me masturbo com o auxílio de vibradores. Acho os vibradores a melhor coisa do mundo. Uso cerca de trinta. Sei que parece exagero, mas com menos de trinta a coisa não vai. Tá intrigado, né? Pois é muito simples. Coloco os trinta vibradores em volta da minha cama. Começo a defumar a pomba-gira. Quando a excitação cresce, tio Oldemário (moro com meu tio) comanda os outros vinte e nove vibradores: um, dois, três, orgasmo é freguês! É a maior vibração! Depois dou uma graninha pra cerva dos vibradores. Eles são todos lá do bairro mesmo. Gente simples do Andaraí, como eu, modéstia à parte.

#### **6 -Lélia Henrique Murta - Professora:**

- Eu vivia repetindo essas expressões canalhas tipo “descabelar o palhaço”, “enfornar o robalo”, “entocar a marmota”... Isso me excitava, entende? Amava a ambigüidade das palavras, o segundo sentido, a alusão torpe... Um dia, abri o jornal e dei de cara com “Empossaram o Funaro”. Pensei com meus botões: institucionalizaram a brincadeira. Perdi o tesão. O Brasil é um país cada vez menos engraçado. Pena.

#### **7-A. Diniz Farias**

- Você bateu - desculpe - no homem certo. Sou sexólogo. Tremenda coincidência, hein? Uma pesquisa sobre sexo atingir, ui!, um sexólogo, essa é melhor que a Monique Evans! Recentemente, eu estive, com minha senhora, à testa de um simpósio sobre o tema “69: Uma postura clássica ou dezena do porco?”. O simpósio, muito movimentado, terminou com minha senhora à testa de um lingüista romeno e eu com um par de acessórios à testa. Fascinante.

#### **8-Hering Coelho Correia - Tarólogo:**

Pertencço à seita esotérica Esbirros de Natuch. Sou casto. Mas já tive orgasmo. Havia um motorista na linha Usina-Praça XV que eu considero meu primeiro Mestre. Cada viagem! Eu sempre tinha um orgasmo ao passar na roleta. Um psicanalista jungiano, que tomava o ônibus no Largo da Segunda-feira começou a me observar. É incrível o senso de observação desses homens! Eu me contorcendo de prazer no vai-não-vai da roleta, agarrando o trocador aos gritos de “eu morro! eu morro!”. “Tudo na maior discricção, e não é que o danado percebeu!? É preciso muito treinamento, né? Foi ele quem me indicou pra membro da seita. Nós, membros da Esbirros de Natuch, formamos uma pequena força páramilitar. Incendiamos nordestinos, agredimos velhos e crianças, empresariamos shows musicais, mas, veja bem, nada de sexo! Somos cidadãos que almejam a tranqüilidade de espírito - e não fica me olhando com essa cara que eu te joga uma granada, te dou uma sandalhada, te unho a sobancelha, te arranco as pestanas, FIUUUUUUU, ê-hê, isso aqui, ô, ô, é um pouquinho de Brasil ai, ai, humpfi Que qui tu qué com a véia, simpático?

#### **9 -Nhozinho Castro Garcia - Líder ruralista:**

- Bom, eu sou um cara muito... como direi?... sem imaginação, meio... hum... comum... ahn... venho de tradicional família mineira. Eu gozo - tenho vergonha dessa palavra - da seguinte maneira: só uma vez por ano, na véspera do Natal. Sei que é irrisório, mas eu sou muito reprimido. Qualquer coisinha eu fico todo vermelho, olhai, tá vendo? Pois na véspera de Natal, eu visto uma roupa de Papai Noel e vou pras Lojas Americanas. Lá fico tocando um sininho e cantando jingoubeldouêi. Quando começam os tremores, sento num tamborete daqueles, olho a garçonete bem nos olhos e peço um waffies - com a boca bem

sensual, assim, ó: ueifffooous. Elas fieam loucas. Ela pergunta se eu quero mel. Eu respondo: adoraria. Começo a espalhar mel no waffles, nas bordas do prato, no balcão... Passo mel na barba do Papai Noel, no pescoço, no peito... Tiro a roupa toda. Só deixo as botas. Enquanto canto o hino do Jardim de Infância Ursinho Peludo, começo a passar o waffles no corpo. Pessoas desmaiam, crianças dão de chorar. Acabo o Natal na Delegacia de Costumes, batendo papo com o Delegado Pintudo. Sou bem tratado por ele. Me chama de meu ursinho. Lamentavelmente, só gozo essa veizinha no ano. É como dizia meu avô, lá em Ouro Preto: sexo é um trem muito complicado. Eu não entendia, chorava. Vovô pedia que eu continuasse chupando. Hoje, calejado, começo a perceber: o que me estraga é esse meu jeito simples de mineiro, tudo muito certim. Carrego minha cruizzz...

# Confetis

Feito aquele enredo dos Três Mosqueteiros (olha aí a sugestão pra fantasia), os três dias de carnaval são quatro. Isso já dá uma idéia da bagunça. Uma pequena idéia.

Durante os três (quatro, cinco...) dias de pagode, imperam os disparates dos súditos de Momo Primeiro e Único, fora os outros trinta - Cidadão Samba, Cidadão Recreativista, Rei do Carnaval, as respectivas Rainhas e Princesas, D. Higiénico Sales, Marechal de Cama-e-Mesa Átero Escler Ozze, e menos votados.

Marmanjo trajando fralda suja nos fundilhos com creme de abacate...

Neros coroados de arruda tangendo mudas harpas de tábuas de privada...

Zorros de sapato-tanque ao lado dos fiéis Bêbados, isto é, Tontos...

Grandes astros internacionais cuja maior graça reside no fato indiscutível de não serem astros, nem grandes, e internacionais lá pras negas deles...

Árabes de lençol e toalha santista (os mais refinados) em busca de um oásis que venda caipirinha...

O imortal General da Banda. Melhor um General da Banda que outra banda dos generais...

Marte, o Deus da Guerra, de batom e cílios postiços, com os bordados da capa (diviina) feitos pela mamãe (dele)...

Odaliscas de cocar bebendo uísque nacional, melindrosas com o que a baiana tem na piteira, gregas com o chapéu de tirolesa, cheirando lança...

A rainha do Carnaval (uma delas) apertada pra fazer xixi, perguntando pelo "Wanderley Cardoso"...

Cartolas enormes, próprias pros palhaços que "dirigem" nosso futebol...

Blocos de Sujo muito mais limpos que o jet-set...

Buda, logo atrás de um Preto Velho, empurrado por tapuias de cueca zorba...

A freira que é barbadinho com o hábito levantado...

A Rainha Louca sentada num Círio de Nazaré. É louca mesmo, sô...

O nomezinho daquela doce gueixa é Oswaldo, torneiro-mecânico de profissão...

Que qui a cobra tá fazendo ali na Cleópatra? A transação não foi no seio?...

Santos Dumont estacionando o 14-BIS no Aterro pra ir tomar uma loura com a escurinha...

A moça nua em cima da mesa: duas listrinhas claras -tirou o bustiê, arrancaram a tanga - no corpo queimado. Zebra estilizada?...

Acima a depilação! Quer dizer, embaixo, por favor, não...

Um jacaré de rancho dança frevo em Irajá tomando mamadeira cheia de maracujá...

O Fantástico Marajá de Laori ameaçando dar uma sandalhada no Esplendor de Assurbanípal..

O Incrível Hulk, bastante emagrecido, tomando cachaça e escarrando sangue num coreto da Penha...

Escravas de correntes douradas e sandálias havaianas...

Chope, chope, chope pra afastar o calor...

Coxas, coxas, coxas pra aumentar o tesão...

A fantasia de legionário, miragem de todas as juventudes...

Palha, ráfia, isopor, paetê, fita - materiais que o BNH usará no futuro...

A Princesa Isabel sofrendo com as cólicas menstruais no desfile do Grupo III...

Um pierrô - até que enfim! - corneando o arlequim..

Mais nobreza decadente: o Rei Sol palmeando um cabo da PM...



Zumbi dos Palmares no repique, morcegos brincando à luz do dia, Clóvis na linha do trem para todo o sempre...

Aquele tampinha, perto da cabrocha e do rubro-negro de patinete, ali ó, não é o tal do general Jaruzelski?...

E, comandando a Ala do Bochincho, Tamandaré batendo o pé:

- Sem minhas guias e colares por cima das medalhas, nem morta!...

Por aí afora, O negócio é aproveitar. Porque depois restauram a moralidade, refazem a Lei, recompõem a ordem, e aí, durante uns trezentos e sessenta dias imperam a seriedade do general que manda assassinar desafetos como qualquer dono de boca-de-fumo, a austeridade de um Ministro da Justiça contrabandeando jóias, desfalques, desvios, escândalos!

A não ser no Carnaval, o Brasil é a maior zona.

Se existe a Semana da Asa,  
temos obrigação de comemorar também  
o Mês da Moela.

## **Meus tipos perecíveis - I**

Eu conheci realmente o primeiro enduro. Chamava-se Sérgio, apelido Mandrake. Morava no Grajaú - bairro que, na época de meu relato, ainda não se encontrava sob o jugo xiita - e detestava o síndico de seu prédio.

Mandrake preferia Paquetá. Quebrava cadeados de bicicleta com as mãos, tomava batida no gargalo e passava toda a temporada de verão com um único short preto, imortalizado por Mello Menezes na piadinha de fundo alabama:

- Ele pode ser o Mandrake, mas o cheiro do calção é do Lothar.

\*\*\*

## **Meus tipos perecíveis -II**

### **Márcio “Tyson” Proença, de mau humor no People:**

- Aqui só tem galinha, piranha, bicicleta, farda...

Orélio estranhou:

- As duas primeiras eu conheço, mas bicicleta?!, farda?!...

- Todas superfaturadas.

\*\*\*

### **Márcio “Rabane” Proença dita a moda no Sokana:**

A jovem veio chegando com um modelito clássico. Proença elogiou:

- Hum, que elegância! Parece-te com um legítimo Fezes Channel!

E justificou:

- Não fica bem um lorde como eu chamar o vestidinho da gata de Cocô...

- Márcio “Bateu Levou” Proença faz nova refém no Baixo:

A moça era muito magrinha, mas que rosto maravilhoso!

Proença fez a abordagem com toda verve:

- Resolve: se nos próximos cinco minutos eu não descobrir sua misteriosa identidade, vou chamar o Tuma pra identificar a ossada.

\*\*\*

### **Márcio “A Nega Tá Lá Dentro” Proença**

Não poupou (poupou não é uma palavra linda?!) elogios à equipe de reportagem que flagrou o nascimento do pequeno hipopótamo, mas fez uma crítica bastante construtiva:

- Faltou ousadia. A CNN teria mostrado o lance desde a trepada.

\*\*\*

### **Márcio “Sunda” Proença visita o “Bambina D’Oro”:**

A lourinha tava fazendo um certo denngo:

- Sei que não sou de se jogar fora. Mas, pra ser sincera, meus seios estão um pouquinho caídos.

Sugestão do Proença:

- Faz feito em São Paulo: bota umas escoras pra isso tudo não desabar em cima de Cubatão.

\*\*\*

## **Meus tipos perecíveis -III**

## **Edenir, o paramilitar.**

Esse aí, queridos, além de perecível é altamente inflamável. Até a explosão da adolescência, Edenir era meio paradão. Durante o serviço militar comprou um pequeno lança-chamas, na mão do subcomandante de 3Q HERPS Mecanizaco, e passou a dar decisão em garçon, feirante e motorista de táxi. Roubava liquidificadores com vitamina de abacate. Raramer.te deixava pistas, a não ser quando confundia o liquidificador ccm a máquina de café e era advertido paternalmente pelo portuga:

- É Edenir, trocas-te as bolas de novo! Assim a bomba acaba estoirando na tua mão, pá!

Com o golpe de 64, a fama de Edenir mudou radicalmente: de “paradão” passou a ser considerado “uma parada”. Perdeu um o e um til. Evolução bastante discutível. Feito um brontossauro que começasse a botar fogo pelas ventas - ou como se o patropi se metesse a exportar carro de combate. Hum..

Jogaram alguma coisa ovóide pela minha janela. Pouco a pouco o incêndio se alastra. Gostaria de ligar para o Corpo de Bombeiros, mas houve aquele incidente lá com torturadores e nem o governador quis se meter, caceta... Limitar-me-ei a uma atitude politicamente correta:

- PUXA, EDENIR, TU NÃO AGÜENTA BRINCADEIRA ATÉ HOJE, HEIN?

# Capítulos de Minhas Memórias Sexuais I

Por volta dos seis anos de idade eu era perfeitamente cândido, possuindo apenas ligeiras noções de coprofagias, exibicionismo, fetichismo, mixoscopia, mengalismo e, lógico, pedofilia. Mas não tinha múltiplo orgasmo.

Jamais esquecerei a Semana da Páscoa em que vó Noêmia serrou um busto da baiana em compensado, pintou carinhosamente mulatice, bananas e balangandães, pregou um vistoso tecido azul na cintura da moça e pendurou atrás da porta do banheiro. A saia era dupla, fazendo uma espécie de saco para guardar roupa suja. Que começo!

Eu passava horas trancado “no quartinho” e todos tinham muita pena das minhas prisões-de-ventre. Já imbuído do espírito que caracteriza a “preferência nacional”, eu tirava a boneca (epa!) do gancho (epaa!), deitava aquela gostosura de braços nos ladrilhos e esfregava o birrim de conforça naqueles acolchoados. Nunca houve grandes problemas de abstinência porque, graças ao bom Deus, sempre tivemos muita roupa suja pra lavar em casa.

Uns dois anos depois, por ocasião do Natal, mamãe me acordou suavemente, derramando o toddy em meu pijama:

-Já viu nosso banheiro como está lindo pro Papai Noel?

Pressentindo alguma desgraça corri até meu primeiro amor e... vovó substituíra a baianinha por uma cesta de vime.

Depois esses psiquiatras todos falam de modo leviano em meu “masoquismo”. Masoquismo, é!? Tentem tirar sarro numa cerca de arame farpado. Eu é que sei o quanto me custou aceitar a dura realidade e efetuar a necessária adaptação...

Hoje, encanecido e calejado, basta um de meus pacientes dizer “vi-me diante de uma dificu...” - é múltiplo orgasmo na certa!

## Capítulos de Minhas Memórias Sexuais II

Eu comia um feijão por ali mesmo na Saúde, e subia a ladeira pra levar e dar porrada na Zuleika. Nós nos amávamos loucamente. A verdade é que no meio da ladeira eu já estava em ereção total. Andei um tempão encucado: será que amo Zuleika loucamente ou sou chegado a transas sado-masô? A gente brigava pra cacete. Levei pontos, botei gesso, mandei minha flor pro CTI do Souza Aguiar... Com o tempo, a paixão arrefeceu, a porrada foi diminuindo, mas continuei freqüentando a área da saúde da Zuleika com o mastro mais embandeirado que aquele de Brasília. Temi que as garras bestiais do sexo me mantivessem acorrentado à Zuleika para sempre. Rezei reza à beça, fiz uma promessa, segui procissãããooooo, e nada.

Um dia, Zuleika, meu grande amor na área da Saúde veio a falecer por problemas na área da saúde. Um camundongo, disfarçado em administrador de emergência, infiltrou-se na operação de períneo dela. O Estado custeou as exéquias e mandou uma coroa, Dona Lindalva Bastos Armendáriz, uns 48 anos, base do PDT no cemitério do Caju. Tornamo-nos íntimos, atrás do anjo de um jazigo perpétuo, mas não atingi o grau de ereção necessário pra molhar o biscoito. Lindalva também foi um anjo:

- Isso acontece, nego. Teu estado emocional tá prejudicando o badalo. Não vamos nos dispersar. Fica com meu endereço: Ladeira dos Tabajaras, 17, apartamento 1001.

Foi só ela falar e eu tive um orgasmo. Ah, abismos insondáveis da sexualidade! Eu não amava Zuleika! Eu tenho tesão em ladeira.

## ...De umas Coisas que eu não Posso Acreditar...

Nas chamadas férias grandes, saturado de provas e de padres, eu ia pra Paquetá colecionar mulher. Dito assim, reconheço, fica um tanto pretensioso. Porque eu não apanhava ninguém. Elas queriam rapazes “mais velhos”. Mas eu continuava minha coleção com método e carinho.

Eis o método: montava na Amélia, minha bicicleta, e percorria, incansável, praias, pracinhas, ruas esquecidas, barrancos do outro lado da Ilha, o vôlei no quintal da Fulana, o violão na varanda da Beltrana, e me intrujava em pic-nics, fazia a ronda em lojas e lanchonetes, esperava barcas apinhadas, tocaiava o portão do Iate, voltava pro movimento da Ponte - até que o apito da última barca, sumindo por trás da Ilha dos Lobos, selava o fim de mais um dia de intensas pesquisas. Ayôu, Amélia! Ia pros Coqueiros, sentava na areia embaixo daquelas estrelas todas e ficava meio sufocado (muito tempo depois, li em “Chance” que um personagem do Conrad sentia algo parecido). Ficava olhando o ponto imaginário onde, lá longe, além das luzes dos petroleiros, o ar e a noite eram uma coisa só. Aquela escuridão ferida de estrelas cúmplices, a ligação total entre as duas sombras primordiais, a sensação de que podia ser sugado para dentro daqueles princípios, mamote, tudo aquilo me deixava muito louco. Aí, quase numa de horror, eu pedalava a mil pra casa, me metia sorrateiramente na dragoflex e começava a relaxar...

Tirava um papel com o mapa do tesouro do bolso do blusão e conferia as jóias (poxa, Abi, foi sem querer...) do dia: a moreninha de “testa alta” visível sob o short branco de Alambari Luz, a doméstica (ou seria babá, Henrique) de maiô verde na Rua do Cemitério, a bunda balzaquiiana que chegou na barca das sete, a lourinha de bruços na bóia de pneu de avião na Praia da Guarda... No fim do inventário, memória, coberta e alma jaziam devidamente lavradas no sonho acordado.

Uma noite, numa seresta, as musas se fundiram numa só.

- Como é o teu nome?
- Maria.
- Você é linda!
- São seus olhos...

Começamos a namorar, ela muito quieta, eu muito apaixonado. Várias serestas depois, fomos andando devagarinho pros lados da Praia das Aguas e transamos de um jeito sem jeito, impetuosos, mas cheios de cuidado, amor de crianças. Com a cabeça dela no peito, olhei tranqüilo a profusão de estrelas e pensei: ôi, minhas camaradas. O mar e a noite continuavam engalfinhados na mais pura sacanagem.

No fim de fevereiro, Maria e as férias terminaram.

Mas fevereiro é um mês danado pra voltar, e num Carnaval aceitei o convite de um amigo pra um pagode discreto: cervejinha, papo, ver as escolas na televisão, uma sinuca pra quem tivesse a fim. Meu amigo, que não tinha nenhuma intenção de ser também amigo da onça, queria que eu conhecesse umas pessoas, tudo gente fina, vizinhos do mesmo condomínio, numa praia pros lados de Cabo Frio. Tomei umas caipirinhas pra aquecer os motores e fui torcer pelo Salgueiro em reduto de mangueirense. Cheguei, tal-e-coisa, muita animação, um ou dois já de porre, prazer, oba, cumequié, salve, e...

- Oi, Maria! Há quanto tempo...
- É. Como vai?
- Vou indo. Sabe que escrevi sobre Paquetá um dia desses e me lembrei...
- Ah, deixa eu te apresentar: esse é o Carlos, meu marido.
- Fala, Carlos...

- Então você é que é o tal!

- O tal?

- Maria sabe todas as suas músicas...

- Pára com isso, Carlos. O Aldir sempre foi muito tímido.

Sorriu daquele jeito quieto e intenso. Não pude evitar:

- E você continua maravilhosa.

- São seus olhos...

Depois que ela foi embora, bebi de cair.

Semana passada, entrei no Tangará pra uma batida. Quando pedia a terceira, uma voz amargurada me perguntou se eu tava bebendo pra esquecer alguém.

- Oi, Maria.

Estava um pouco alta, tensa, envelhecida. Eu tentei dizer algumas coisas gentis, mas devem ter soado vazias porque Maria procurava meus olhos e não dizia nada. Me deu um beije repentino no rosto e fugiu pela Álvaro Alvim.

Tomei um táxi pra Zona Sul e fiquei curtindo um chope à beira-mar. As mesmas estrelas e os dois grandes sacanas, lá longe, abraçados na escuridão. Levantei o copo e brindei a você, Maria. Você, quieta e intensa, continua a mesma. São meus olhos, Maria, meus olhos é que estão envelhecendo.



# Suburbana

(Para Hennínio Bello de Carvalho)

**S**ubúrbio não se visita:  
é carregado dentro, feito sonho ou câncer.  
No meio da rua tem um cadáver.  
Ou não?  
No subúrbio a morte é tanta  
que não se vê.  
Nem viva alma.  
Mas não se iludam:  
as travessas desoladas estão cheias.

Um homem se mata por amor  
da adolescente que ainda não nasceu.  
Um velho chora o balão incendiado  
em seus olhos de menino...  
o tempo... o tempo...  
o tempo inunda tanto quanto as chuvaradas,  
corre, feto e sangue na sarjeta ,  
alastra, alarga, emplastra...  
Deu no Caderno Cidade:

## **Caiu um satélite em Vila Valqueire**

Um bicheiro viu e disse:  
- Isso é coisa do Castor...  
Dona Iaiá largou seus afazeres,  
botou as mãos nas cadera  
e permitiu-se um pequeno espanto: pooorra!  
Em seguida chamou seus filhos:  
- Jaceneir! Juparanã! Pra dentro queu já senti qui hoje tem!

Caiu um satélite em Vila Valqueire.  
O Capitão Almeida,  
do Serviço de Busca e Salvamento,  
organizou a expedição ao local  
mas o pneu da viatura furou.  
Seu Zeca Baloeiro resmungou:  
- Caguei...  
Ritinha botou o colar de perla pra ver o desastre.

No subúrbio, a gente vive e morre  
entre a riqueza e a lona,

entre a cadeia e a zona.

Uma criança superdotada gritou viva,

mas uma bala perdida

acabou com toda essa expectativa.

Lá também rezamos,

porém, mais conhecido que os setecentos nomes de Deus,

são os treze sinônimos de siririca:

arrepilar a camurça

flambar a mannota

espanar a aranha

cuscuvilhar a pelúcia

esmerilhar o bombril

E Zé Bode, falando sobre as partes da Roberta Close,

e minha madrinha, com um parente empregado na Iscavagina,

e o padre perguntando na prova oral sobre a

escrita cuneiforme, e, o Marquinho respondendo

que não conhece o Nei e que, mesmo se conhecesse,

não entregaria porque esse negócio de Cu não tem escrita,

dá quem quer e não tenho nada com isso.

## **Caiu um satélite em Vila Valqueire**

ADÁGIO:

O roupão encardido,

os olhos bacos de chorar

- mas a memória lhe traz

uma tarde em Paquetá -

e Celeste descobre no espelho novos traços:

não a Celeste de gestos relapsos,

mas Ariadne,

a que foi abandonada em Naxos.

*Sou Ariadne, maior que as deusas.*

*Não sou imortal: vejam meu pranto.*

*Nenhuma atraindo morreu tanto.*

Foi penalizada pela falta de recato.

Mas um Deus moreno do Brasil mulato

transformou-a em pedra nua na enseada

que é pra viver eternamente assim molhada.

o tempo... o tempo...

o tempo martiriza no subúrbio,

célere para matar, longo para esquecer,

lavra as palavras,

e das palavras escorrem sangue e sêmen,

e as palavras se amontoam pelo lixo baldio,

crepúsculo opus opúsculo

copulando feito vira-lata,  
o crepúsculo explode como um arrote,  
o crepúsculo se espraia como um vômito,  
como a mancha no modess;  
um crepúsculo escroto  
de pus e músculo,  
um crepúsculo de lusco-fusco oprimindo a luz  
que me comove e me arrasa  
com a cigarra zim zim  
e o grilo sisquici  
e minha filha dizendo que  
zim zim eu sisquici de fazer  
o trabalho de casa.  
Por causa do satélite  
testemunhas de Jeová se suicidaram,  
juizes foram subornados,  
traficantes entraram em guerra,  
e a adventista Lucinha de Tal, parda,  
gritou de júbilo e horror  
sentindo-se penetrada pela espada de São Jorge.  
Políticos se promoveram visando o próximo pleito,  
vislumbraram o fim da perestróica,  
manobra dos japoneses,  
a decadência da NASA.  
Agnaldo Timóteo meteu o malho,  
analistas econômicos deitaram e rolaram  
e o dólar foi pra casa do caralho.

Valdineir, o menino paralítico que fazia milagre,  
apontou pros escombros:  
- Olha um ET, gente!  
O protético saiu do meio das ferragens  
e explicou o fenômeno antes de apagar,  
por omissão de socorro do médico local:  
- Eu sou distúrbico desdum cataflau que tomei naronáutica.  
Não posso beber, mas bebi, caí da ponte e cabeí com o meu erovilis .  
Não caiu um satélite em Vila Valqueire.  
E daí?  
Maior que Deus no céu é o subúrbio,  
com sua ignorância quase do tamanho da minha,  
com as chacinas de cada dia  
e as mulheres morenas  
(no subúrbio as louras também são morenas)  
as mulheres morenas  
que voltam pra casa suadas  
a quem dedico esse poema  
pra quem bato essa punheta

e por quem beberei a vida inteira  
a quem ofertarei agonizante  
paulemílicos versos hemorrágicos  
vãoogouianas flores amarelas  
porque a eternidade inteira com seus anjos  
não vale o cheiro da buceta delas.

**::: F I M :::**

BRASIL PASSADO A SUJO  
A Trajetória de uma Porrada de Farsantes

Copyright © 1993 Aldir Blanc

1º edição - novembro de 1993  
Tiragem - 3.000 exemplares

Editor: Luiz Fernando Emediato

Capa e diagramação: Eduardo Bueno  
Ilustração da capa: Lan

Revisão: Edson Baptista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Blanc, Aldir

Brasil passado a sujo: a trajetória de uma porrada  
de farsantes / Aldir Blanc. - São Paulo : Geração  
Editorial, 1993

1. Crônicas brasileiras I. Título.

93-3063

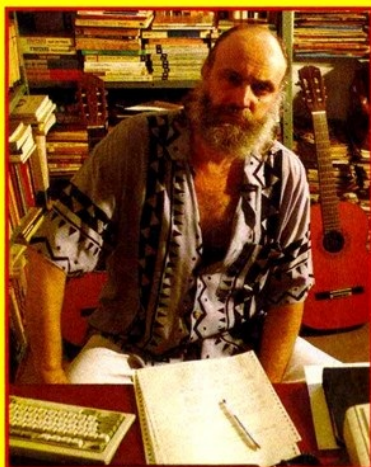
CDD-869-935

**índices para catálogo sistemático:**

1. Crônicas : Século 20 : Literatura brasileira  
869.935
2. Século 20 : Crônicas : Literatura brasileira  
869-935

Todos os Direitos Reservados  
GERAÇÃO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA COMERCIAL LTD A.  
Rua Cardoso de Almeida, 2188 - CEP 01251-000 - São Paulo - SP - Brasil  
Tel. (011) 872-0984 - 872-8506 - Fax: (011) 62-9031

1993  
Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*



## O POETA DAS RUAS DO RIO

Eis aqui mais um livro de contos, de humor, de crônicas ou de poesia pura deste extraordinário músico e letrista que é Aldir Blanc. Eis aqui um problema para os bibliotecários: é difícil classificar este livro.

Como sugere Sérgio Cabral, melhor colocá-lo na estante de literatura carioca, ao lado das obras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo, Nelson Rodrigues e Sérgio Porto. Como eles, Aldir Blanc soube entender a encantadora alma das ruas.